

Clash

*dramaturgia de Francisco Ohana a partir de
Cimbeline, rei da Britânia, de William Shakespeare*

PRÓLOGO

Dois esqueletos. Arrumação. Coro.

ATO 1

Cena 1 – Londres, palácio de Cimbeline

CAVALHEIRO 1 – Os ânimos andam abalados por aqui, todo mundo parece triste. Nossos nobres são muito influenciados pelo humor do rei.

CAVALHEIRO 2 – Qual é o problema?

CAVALHEIRO 1 – O rei prometeu a princesa, a herdeira do reino, pro único filho da rainha, esposa dele. Mas ela se apaixonou por um plebeu, meu caro. É um sujeito digno, mas é plebeu. E se casou com ele. Então o marido dela foi banido e ela, presa. O rei tá devastado. Não só ele, mas também o homem rejeitado pela princesa e a rainha, que queria muito esse casamento. Mas, no fundo, não conheço ninguém que não tenha gostado.

CAVALHEIRO 2 – Por quê?

CAVALHEIRO 1 – O homem que ela rejeitou é um sujeito ruim, e esse com quem se casou, que homem bom! Por isso que foi banido! Nunca vi ninguém mais belo e tão bom-caráter.

CAVALHEIRO 2 – Mas quem é esse homem, de onde ele vem?

CAVALHEIRO 1 – Eu não sei direito. *(Silêncio.)* O pai dele se chamava Cecílio e lutou contra Roma. Teve mais dois filhos que morreram na guerra e o velho, que era louco por eles, morreu de desgosto. A mulher dele, que tava grávida do marido da princesa,

morreu no parto. Então Cimbeline assumiu a guarda da criança e batizou ela de Póstumo Leonato. Ele recebeu a melhor educação e viveu na corte, sempre querido e elogiado por todos, um verdadeiro exemplo! A princesa tá pagando um preço alto pelas escolhas dela e isso prova o que Póstumo é capaz de despertar com suas virtudes. Pela escolha dela, a gente vê o homem que ele é.

CAVALHEIRO 2 – Só pela sua descrição, já tem meu respeito. O rei só tem essa filha?

CAVALHEIRO 1 – Filha única. Os outros dois filhos que ele teve foram raptados ainda bebês de dentro do próprio quarto. Ninguém sabe que rumo tomaram.

CAVALHEIRO 2 – Isso tem quanto tempo?

CAVALHEIRO 1 – Uns vinte anos, mais ou menos.

Num canto, Póstumo e Imogênia trocam presentes, um anel e um bracelete.

IMOGÊNIA – Póstumo, esse anel era da minha mãe. Fica com ele, meu amor, guarda em seu coração.

PÓSTUMO – Imogênia, minha princesa, fica com esse bracelete. Por toda a sua vida. *(Silêncio.)* Pra sempre seu.

IMOGÊNIA – Pra sempre sua.

Entra a rainha.

RAINHA – Minha filha, fique certa que eu não vou confirmar a fama das madrastas. Não sou maliciosa... Você é, sim, uma prisioneira, mas vou pedir pra te darem a chave da sua cela. Quanto a você, Póstumo, assim que eu tiver a chance de conversar com o rei, vou te defender abertamente. Mas por enquanto ele tá furioso e eu acho melhor se resignar e obedecer a decisão dele.

PÓSTUMO – Já estou de partida, Alteza.

RAINHA – Apesar da ordem pra vocês não conversarem, vou dar uma volta pelo jardim. Não aguento ver vocês dois sofrendo assim. Mas sejam breves, por favor, vocês sabem que é perigoso. Se o rei chegar, nem sei quais podem ser as consequências. (*Para o público.*) Eu mesma vou trazê-lo aqui. Ele sempre aceita as minhas desculpas.

Sai.

IMOGÊNIA (*chorando*) – Como é falsa! Essa tirana gosta de jogar... Meu bem, vai embora. Não tenho medo por mim, mas por você. Eu vou ficar bem aqui, enfrentando os olhares dos outros, mas consolada pela esperança de te rever um dia.

PÓSTUMO – Não chore, meu amor, assim vou acabar chorando também. O que vão pensar de mim? Eu também vou ficar bem. Vou morar na Itália com uma amiga do meu que conheço por carta. O nome dela é Filária. Escreve pra lá, minha rainha –

IMOGÊNIA – Sua esposa.

PÓSTUMO – Escreve pra lá, minha esposa. Vou saborear com os olhos cada palavra sua, apesar da tristeza que carregam.

Entra Cimbeline.

CIMBELINE – Seu verme, vai embora daqui! Se você continuar perturbando a minha corte com a sua indignidade, mesmo depois dessa ordem, eu te mato. Dá o fora!

PÓSTUMO – Que os deuses abençoem os bons que permanecem aqui. Adeus.

Sai.

CIMBELINE – E você, coisa desleal! Você, que deveria renovar meu ânimo, me faz envelhecer dez anos a cada dia.

IMOGÊNIA – Calma, meu pai, você só faz mal a si próprio com tanta irritação. Estou imune à sua ira, uma dor muito maior me sufoca por dentro.

CIMBELINE – Está sufocando o teu bom senso também! Como pode, você rejeitar o filho da rainha?

IMOGÊNIA – A única rainha que eu conheço é a minha mãe! E eu faria mil vezes a mesma escolha. Escolhi a águia ao invés do abutre.

CIMBELINE – Você se casou com um qualquer! Meu Deus, minha única herdeira... Você quer destruir meu trono, entregá-lo aos inimigos, transformar esse reino em um antro?

IMOGÊNIA – Ao contrário: quero torná-lo mais sublime.

CIMBELINE – Sua idiota... Vagabunda!

IMOGÊNIA – Se eu o amo, pai, é por sua culpa. Póstumo foi criado como meu amigo, nós crescemos juntos. Ele é digno de qualquer mulher e sua nobreza está fazendo ele pagar pelo que sente.

CIMBELINE – Você ficou maluca?

IMOGÊNIA – Quase. Quisera eu ser filha de um simples fazendeiro e Leonato, de um pastor qualquer da vizinhança.

Entra a rainha.

CIMBELINE – Sua idiota, eles estavam juntos novamente, você me desobedeceu. Fora daqui com essa vadia, pode mandar prendê-la! Ela que morra da própria loucura.

RAINHA – Tenha paciência, meu senhor. Filha querida, tenha calma. Nos deixe a sós um instante, Majestade, vá esfriar a cabeça e recobrar o bom senso, por favor.

Sai. Entra Pisânio.

PISÂNIO – Com licença, nobre rainha. Seu filho Clóten atacou Póstumo, meu senhor.

RAINHA – Oh! Aconteceu algo de grave?

PISÂNIO – Poderia ter acontecido, mas meu amo, ao invés de lutar, levou tudo na brincadeira e alguns cavalheiros que estavam perto correram pra separar.

RAINHA – Melhor assim!

IMOGÊNIA – Pisânio, cadê teu senhor?

PISÂNIO – Não quis que eu fosse até o porto, Alteza.

RAINHA – Criado obediente... Vou caminhar um pouco.

Sai.

IMOGÊNIA – Me encontre em meia hora, Pisânio. Agora vá ver se meu marido embarcou bem. Vai!

Cena 2 – Londres, palácio de Cimbeline

NOBRE 1 – Senhor, eu te aconselho a trocar de camisa. Você se movimentou demais e está fedendo feito um bicho morto.

CLÓTEN – Não! Se estivesse ensanguentada, eu trocaria. Cheguei a feri-lo?

NOBRE 2 (*para o público*) – Não feriu nem a paciência dele.

NOBRE 1 – O quê? Se ele não estiver ferido, é porque tem uma carcaça de aço!

CLÓTEN – O bandido não quis me enfrentar.

NOBRE 2 (*para o público*) – Ah, não! Fugia sempre pra frente, exatamente na sua direção.

NOBRE 1 – Te enfrentar? Ora, imagina, te enfrentar!

NOBRE 2 (*para o público*) – Quanta estupidez...

CLÓTEN – Não queria que tivessem separado.

NOBRE 2 (*para o público*) – Nem eu. Até você conseguir medir com uma régua a que distância chega a sua imbecilidade.

CLÓTEN – Como pode, ela amar aquele sujeito e rejeitar a mim!

NOBRE 2 (*para o público*) – Se for pecado escolher o verdadeiro eleito, ela está condenada.

NOBRE 1 – Senhor, como eu sempre digo, a beleza dela e o cérebro não estão no mesmo nível. É uma bela estrela, mas sua inteligência brilha pouco.

NOBRE 2 (*para o público*) – Não brilha sobre os idiotas, pra não se prejudicar com o reflexo.

CLÓTEN – Preferia que tivesse acontecido o pior... Vou pro meu quarto. Vamos embora, cavalheiros.

NOBRE 2 (*para o público*) – Bem que essa ameba podia ter morrido, não seria uma grande desgraça.

CLÓTEN (*para o NOBRE 2*) – Você não vem?

NOBRE 1 – Eu te acompanho, Excelência.

CLÓTEN – Ora, vamos todos.

NOBRE 2 – Com prazer, meu senhor.

NOBRE 2 olha para o público. Saem.

Cena 3 – Londres, palácio de Cimbeline

IMOGÊNIA (*embevecida*) – Queria ter ouvido as últimas palavras dele no cais, dado um último beijo entre declarações encantadas... Eu tinha tantas coisas pra dizer –

PISÂNIO – O que a senhora diria?

IMOGÊNIA – ... que eu pensarei nele em todas as horas. Que nossos pensamentos se unirão no céu quando, às seis da manhã, ao meio-dia, à meia-noite, nós invocarmos nossas lembranças. Nessas horas, eu mesma estarei no céu por ele... Me conta, como ele se despediu?

PISÂNIO – Acenando... Acenou com luva, chapéu e lenço. Com os suspiros mais doces... Ele dizia, “Minha rainha! Minha rainha!”

IMOGÊNIA – Lenço mais feliz que eu... queria ter ido ao porto pra vê-lo acenar com luva, chapéu e lenço. Pra observá-lo enquanto meus olhos e ouvidos pudessem distinguir o desenho do seu corpo no horizonte. Pra acalmar sua agitação quando o navio se perdesse na distância... Eu ficaria olhando, olhando, olhando até romper os nervos dos meus olhos de tanto olhar, até que ele ficasse tão pequeno quanto um grão de areia da praia, ou ainda menor. Até que tivesse sumido no ar. Então, eu baixaria o meu rosto e choraria. (*Silêncio.*) Pisânio, eu não pude me despedir, nem fazer Póstumo jurar que não vai se deixar seduzir por ninguém... Antes do último beijo, meu pai, frio como um vento do norte, jogou por terra nossos botões em flor.

PISÂNIO – Princesa, que os deuses tenham pena do seu sofrimento, que se esconde atrás dos banquetes e roupas luxuosas. Deposita em mim, senhora, seu criado, toda a sua amizade, enquanto o sofrimento é permitido. Em breve você será rainha e não terá

mais condições de sofrer, porque vai ter um reino em suas mãos. É o seu destino. Está no seu sangue.

Cena 4 – Roma, pensão de Filária

Todos bebem, cheiram e jogam.

GIÁCOMO – Pode acreditar, minha filha, eu conheci ele em Londres. Tinha uma reputação do cacete e todo mundo imaginava que ia fazer jus ao nome que recebeu. Mas a mim ele nunca enganou.

FILÁRIA – Isso foi em outro tempo, ele ainda não era o que é hoje.

FRANCÊS – Eu também conheci ele na França e tínhamos por lá muitos homens tão capazes quanto ele.

GIÁCOMO – As pessoas enchem muito a bola desse cara e o casamento com a filha do rei só fez criar pra ele um renome bem longe da verdade.

FRANCÊS – E agora o exílio, né?

GIÁCOMO – Sim, e, veja, a aprovação das pessoas que simpatizam com a princesa e lamentam a separação dos dois contribuiu muito pra ele ficar superestimado e fortalecer a escolha dela. Claro, qualquer comentário deixa ela ofendida, foi se casar com um zé ninguém! Mas, Filária: por que ele veio morar com você? Como se conheceram?

FILÁRIA – Eu e o pai dele lutamos juntos, eu devo a minha vida a Cecílio. (*Entra Póstumo.*) Meus caros, este é Póstumo. Sejam gentis com ele, pois é um grande amigo. Vou deixar que seu caráter se revele por si só, em vez de ficar fazendo propaganda.

FRANCÊS – Senhor, nós nos conhecemos em Orleans.

PÓSTUMO – Eu me lembro. Jamais vou conseguir retribuir à altura sua gentileza naquela ocasião.

FRANCÊS – Oh, não exagere. Fiquei aliviado em poder reconciliar você com um compatriota. Teria sido uma pena ver dois cavalheiros duelarem tão raivosamente por um motivo tão fútil, tão trivial.

PÓSTUMO – Convenhamos, senhor: eu era um jovem viajante e preferia discordar do que ouvia a parecer guiado pela opinião dos outros. Mas, mesmo agora, com mais experiência, posso te falar que minha raiva não era em nada fútil.

FRANCÊS – Como não? Pra chegar ao ponto de querer resolver a querela em um duelo... dois homens que, com certeza, teriam se matado!

GIÁCOMO – Com todo respeito, senhores: posso perguntar qual foi o motivo da desavença?

FRANCÊS – Claro, Giacomo, todo mundo ficou sabendo dessa história! Foi uma discussão parecida com a de ontem à noite, cada um elogiando mais as mulheres do seu país. Esse cavalheiro então jurou pela própria vida que a sua amada era mais bela, mais cheia de virtudes, mais inteligente, mais pura, fiel, prendada e mais resistente às tentações que a mais extraordinária das francesas.

GIÁCOMO – Uhhh... Essa aí ou tá morta ou você já mudou de opinião.

PÓSTUMO – Ela continua igual e eu mantenho a minha opinião.

GIÁCOMO – Você não devia colocá-la assim tão acima das italianas.

PÓSTUMO – Pois se me provocarem tanto quanto na França, direi mil vezes a mesma coisa.

GIÁCOMO – Ela pode até ser muito bonita pra uma inglesa. Mas, mesmo que seja mais bonita e virtuosa que muitas mulheres que conheci, assim como esse seu anel é mais brilhante que muitos que vi por aí, ainda assim, eu não terei visto todos os brilhantes do mundo. E nem você, todas as mulheres.

PÓSTUMO – Eu a julgo de acordo com o valor que eu dou a ela e isso basta.

GIÁCOMO – Se ainda estiver viva sobre a Terra, não vale porra nenhuma.

PÓSTUMO – Cala a boca!

GIÁCOMO – Você pode até ser marido dela, mas sabe muito bem que pássaros estranhos pousam no jardim do vizinho.

PÓSTUMO – Duvido –

GIÁCOMO – Deixa eu acabar. Assim como seu anel pode ser roubado. Portanto, das suas duas joias, uma é fraca e a outra tá sujeita ao acaso. Basta um ladrão abusado e um cortesão hábil pra conquistar as duas.

PÓSTUMO – Duvido que seu país possua um cortesão hábil o bastante pra manchar a honra da minha mulher. Já ladrões, isso deve haver aos bandos por aqui.

FIILÁRIA – Vamos parar por aqui, cavalheiros, olha o nível!

FRANCÊS – Que absurdo!

GIÁCOMO – Pois eu aposto que, com uma conversa só um pouco mais longa que essa, eu investiria na sua mulher até ela se entregar. Ela só tem que me receber na corte como seu amigo.

PÓSTUMO – Vai pro inferno, seu romano de merda!

GIÁCOMO – Aposto metade do meu dinheiro contra o seu anel. Mas, por favor, não se ofenda: eu faria a mesma coisa com qualquer mulher do mundo.

PÓSTUMO – Seu presunçoso, você vai ter o que merece.

GIÁCOMO – Ah, é? O quê?

PÓSTUMO – Vai levar um fora! Apesar da sua, digamos, tentativa, merecer um pouco mais.

FILÁRIA – Parou, caralho! Parou com essa porra! Chega! Por Deus, vocês nem se conhecem! Parecem dois moleques, dois machistinhas de merda!

GIÁCOMO – Aposto todo o meu dinheiro e o do meu amigo francês ali que, se eu puder entrar na corte, sem qualquer vantagem a não ser poder encontrar sua mulher, eu volto de Londres com a fidelidade dela no bolso.

PÓSTUMO – É mesmo? Ok, negócio fechado. Tá aqui o anel. Certeza que a virtude dela é maior que a podridão da sua cabeça.

FILÁRIA – Ei, vocês dois, não vai ter caralho de aposta nenhuma!

GIÁCOMO – Por Júpiter, Filária, já está feita! Se eu não conseguir provar que desfrutei da parte mais preciosa do corpo da princesa, meu dinheiro é seu e você fica com o anel. Só preciso que você escreva uma carta que me dê livre acesso ao reino e a ela.

PÓSTUMO – Tá certo. Se você provar que conquistou seu objetivo, não serei mais seu inimigo e ela sequer será digna dessa discussão. Mas se ela resistir a você, se você não me demonstrar o contrário, eu te mato.

GIÁCOMO (*quebra um copo e corta o próprio lábio*) – De acordo.

PÓSTUMO (*fazendo o mesmo*) – De acordo.

Se beijam.

Cena 5 – Londres, palácio de Cimbeline

RAINHA – E então, doutora, trouxe a medicação?

CORNÉLIA – Sim, Alteza, aqui está. *(Entrega-lhe uma caixa.)* Por favor, senhora, não me leve a mal, mas tenho o dever de perguntar por que me encomendou essas combinações, que podem até matar alguém.

RAINHA – Ora! Acho estranho você me fazer uma pergunta dessas. Há quanto tempo sou sua aluna? Não foi você que me ensinou a fazer preparados tão bons que até o rei admira? A menos que você me ache um demônio, não é justo que eu amplie meus conhecimentos com outras experiências? Fique tranquila, vou testar suas combinações em bichos que não servem nem pra fazer macumba e depois vou dar os antídotos.

CORNÉLIA – Deixe isso para os médicos, Alteza, que têm o coração preparado. Além do mais, você pode se infectar.

RAINHA – Se acalme, ok? *(Entra Pisânio. Ela fala consigo.)* Eis aí o canalha em quem vou fazer meu primeiro teste. *(Para ele.)* Olá, Pisânio! Doutora, você está dispensada, pode ir.

CORNÉLIA *(consigo)* – Mau-caráter, você não vai prejudicar ninguém.

RAINHA – Pisânio, escuta aqui...

CORNÉLIA *(consigo)* – Pensa que te dei veneno, mas eu jamais te daria drogas tão poderosas. Conhecendo a tua alma... Os remédios que te dei só entorpecem os sentidos por algum tempo, mas não há perigo de morte, só uma confusão orgânica passageira. *(Silêncio.)* Assim sou falso contigo e leal a mim mesmo.

RAINHA *(despertando-a)* – Doutora! Ei, filha! Não preciso mais de você aqui, sim? Se precisar dos seus serviços, mando chamar.

Cornélia sai.

RAINHA – Pisânio, meu bom homem, Imogênia continua chorando? Você acha que, com o tempo, ela vai se acalmar e deixar que a razão fale mais alto que a loucura?

Preciso de você. Traga a notícia de que a princesa aceita se casar com meu filho e na mesma hora eu te farei tão grande quanto teu senhor. Maior até, porque, convenhamos, ele anda um pouco em baixa. Pisânio, o que você espera receber ao se fiar num homem exilado e abandonado pelos amigos, ao se apoiar em algo que está desabando e não pode ser reconstruído? *(Deixa cair a caixa de remédios. Ele a apanha.)* Cuidado com isso, senhor, guarda bem essa caixa. Isso já salvou a vida do rei cinco vezes, não conheço remédio mais eficaz. Vai, guarda, eu te peço. E converse com a princesa sobre o assunto. Considere o que está em jogo... Você não vai perder sua senhora e ainda vai ganhar a afeição do meu filho. Perderá um senhor e receberá dois em troca. Não vale a pena? Ainda posso convencer o rei a te nomear pro cargo que quiser. Quanto a mim, serei eternamente grata e vou ter muito prazer em te recompensar. Pensa nisso. *(Para o público.)* Cachorro fiel, ele não vai ceder. É um agente de Póstumo junto à princesa. Mas, se usar meu presente, ela logo, logo ficará sem o mensageiro do marido e então, caída em desgraça, mais cedo ou mais tarde vai provar também. *(Para Pisânio.)* Adeus, Pisânio. Pensa bem. Em nós dois. Pensa e faz a tua parte.

Cena 6 – Londres, palácio de Cimbeline

GIÁCOMO – Alteza!

IMOGÊNIA – Pois não?

GIÁCOMO – Que alegria encontrá-la. Venho da Itália e trago comigo cartas do seu marido.

IMOGÊNIA – Oh! Meu Deus! Não creio!

GIÁCOMO – Você mudou de cor, Alteza? Te adianto que Leonato está bem e te saúda carinhosamente.

Entrega-lhe as cartas.

IMOGÊNIA – Obrigada, senhor. Seja bem-vindo à minha casa.

GIÁCOMO (*consigo*) – Nobres sentimentos, sejam meus aliados. Me armem de coragem pra que eu não seja como o guerreiro que foge da batalha. Imogênia é magnífica... Se sua alma for tão extraordinária quanto a sua beleza, já perdi a aposta.

PÓSTUMO (*falando o texto da carta*) – “Trata-se de indivíduo bondoso e da mais nobre estirpe, a quem sou eternamente grato. Olha pra ele com os olhos bondosos com que olha pra mim. Do seu Leonato.”

IMOGÊNIA – Uma vez mais, senhor, seja bem-vindo a essa corte.

GIÁCOMO – Obrigado, belíssima senhora. Engraçado... Fico me perguntando se os homens estão loucos... Será que a natureza nos deu olhos pra ver estrelas no espaço, mas somos incapazes de discernir o belo e o feio?

IMOGÊNIA – Perdão, senhor?

GIÁCOMO – Não, a culpa não pode ser dos olhos, porque um macaco, na frente de duas fêmeas, prefere uma e despreza a outra com caretas. Também não pode ser da razão, porque até um idiota sabe o que é a beleza. Nem do sexo, porque a imundície, comparada a uma beleza singela, levaria o desejo a vomitar.

IMOGÊNIA – Por favor, o que está acontecendo? Por que você tá tão nervoso, senhor, tá tudo bem?

GIÁCOMO (*aparentando confusão real*) – Sim, minha dama, obrigado.

IMOGÊNIA – Póstumo está bem de saúde? Está feliz?

GIÁCOMO – Muito. É o estrangeiro mais alegre de Roma.

IMOGÊNIA – Engraçado... Quando morava aqui, ficava triste até sem motivo.

GIÁCOMO – Nunca o vi triste. A gente tem um amigo francês que, dizem, tá apaixonado por uma italiana. O Póstumo, fanfarrão, quer dizer, seu marido, adora tirar

um sarro da cara dele. “Putá que pariu! Como pode, um sujeito que sabe como as mulheres são, perder tanto tempo pra virar escravo de uma?”

IMOGÊNIA – Meu marido disse isso?

GIÁCOMO – Chorando de rir. Olha, dá gosto de ver ele fazendo pouco do francês.

IMOGÊNIA – Posso imaginar...

GIÁCOMO – Os deuses bem que mereciam um pouco mais de gratidão por tudo o que deram a ele. É um sujeito de sorte, que tem em você o maior dos tesouros. Eu o admiro, mas confesso que sinto um pouco de pena também.

IMOGÊNIA – Sente pena do quê, senhor?

GIÁCOMO – Nada, Alteza, besteira minha.

IMOGÊNIA – Por que está me olhando assim? É de mim que você tem pena? Por que eu seria digna da piedade de alguém? Seja mais claro, por favor!

GIÁCOMO – Não sei se devo, senhora...

IMOGÊNIA – Se você sabe de alguma coisa, fala agora! Prefiro a verdade a ficar alimentando suspeitas. Portanto, pare com esse joguinho e fale de uma vez!

GIÁCOMO – Se o seu rosto fosse meu, senhora, eu te encheria de beijos. O toque da sua mão, o menor toque, faria minha alma te prometer lealdade eterna. Objeto estranho, que incendia o meu olhar... Se eu me permitisse tocar por lábios vulgares, mãos maculadas de falsidade e olhos obscuros, nada mais justo que ter todos os castigos do inferno desabando sobre a minha traição.

IMOGÊNIA – Póstumo... Meu Póstumo... Não quero ouvir mais nada!

Para a música.

GIÁCOMO – Princesa, tua alma é nobre e essa história me deixa doente de nojo. Uma mulher tão bonita, herdeira do reino da Britânia, ser assim igualada a prostitutas, essas mulheres infectas que brincam na sujeira por dinheiro. Vingue-se, Alteza! Em nome da rainha que te deu a vida e da tua família pura e nobre.

IMOGÊNIA – Me vingar? Mas, como? Meu coração não se ofende pelo que ouve!

GIÁCOMO – Vingue-se! Eu me entrego à tua vontade, Imogênia. Prometo ser discreto e mais digno da tua cama e do teu amor que o renegado do Póstumo.

IMOGÊNIA – Pisânio, vem aqui!

GIÁCOMO – Me deixe beijá-la –

IMOGÊNIA – Se afaste! Eu preferia ser surda a ter que escutar isso. Se você tivesse o mínimo de caráter, teria me contado essa história por virtude e não com esse propósito bestial. Você está caluniando um homem honesto e abordando de modo vil uma mulher que te despreza. Vem aqui, Pisânio! Meu pai vai ficar sabendo da sua investida. E se ele achar tudo bem um estrangeiro safado chegar à corte como se estivesse entrando num bordel de Roma, é porque não se importa nem com o reino, nem comigo. Pisânio, corre aqui!

GIÁCOMO (*consigo*) – Leonato tem sorte... Ela é diferente. (*Para Imogênia.*) Me perdoe, Alteza. A verdade é que seu marido é o homem mais nobre que já existiu. Falei tudo isso pra ver de perto a força do teu caráter e posso te afirmar, Póstumo é o mais fiel dos homens. Tem um encanto magnético que arrasta, como um deus, a metade dos corações humanos. Póstumo é mais que humano –

IMOGÊNIA – Peça desculpas!

GIÁCOMO – Não se chateie com as minhas histórias, princesa. Se eu te testo de alguma forma é pelo carinho que tenho por Póstumo. Por favor, me perdoe.

Silêncio.

IMOGÊNIA – Tudo bem, senhor. Conte comigo.

GIÁCOMO – Obrigado, Alteza. Já ia me esquecendo... Preciso de um favor. Algo pequeno, mas importante. Tem a ver com Póstumo e outros amigos.

IMOGÊNIA – Pois não.

GIÁCOMO – Eu trouxe da França um presente do nosso grupo pro imperador, uma prataria e algumas joias raras. São objetos de valor e eu gostaria de guardar em um lugar seguro. Estão num baú com meus criados. Só por esta noite, pode me ajudar?

IMOGÊNIA – Claro, pode mandar trazer. E, por ser um assunto que interessa a meu marido, vou guardar os presentes em meu próprio quarto.

ATO 2

Cena 1 – Londres, exterior do palácio de Cimbeline

CLÓTEN – Inferno, que maré de azar, não deve ter ninguém no mundo mais azarado que eu! Gol nos 48 do segundo tempo, último lance. Bola parada! Tinha apostado 100 na Inglaterra e ainda tenho que aguentar um italiano de bosta reclamando depois do jogo, que eu sou muito agressivo, que eu vivo xingando... Eu xingo quando eu quiser, porra!

NOBRE 1 – Por pouco você não quebra a cara dele, senhor.

NOBRE 2 (*para o público*) – Se o cérebro do italiano for mole como o do Clóten, ia escorrer massa cinzenta pra dentro do campo.

CLÓTEN – Se o cara tá puto, o cara tá puto, cacete! Deixa ele xingar, não é?

NOBRE 2 (*segurando o riso*) – Sem dúvida, senhor.

Ele olha para o público e ri.

CLÓTEN – Latino miserável! Vem jogar na minha casa e eu ainda tenho que dar satisfação. Por Deus, se pelo menos fosse um nobre!

NOBRE 2 (*para o público*) – Federia como um gorgonzola.

CLÓTEN – Quem me dera não ter sangue real... Se eu fosse um zé ninguém, tinha resolvido isso em um minuto, mas, como sou filho da rainha, fico gritando que nem um galo porque ninguém tem coragem me encarar.

NOBRE 2 (*para o público*) – Tá mais pra um franguinho cacarejando...

CLÓTEN – O que você disse?

NOBRE 2 (*segurando o riso*) – Nada, senhor.

CLÓTEN – Não, não. Você disse alguma coisa, sim.

NOBRE 2 – Que não vale a pena Vossa Alteza se chatear com qualquer um que te provoca, é coisa de jogo, os ânimos se acirram...

CLÓTEN – Sim, eu sei.

NOBRE 1 – Alteza, o senhor soube do estrangeiro que chegou à corte esta noite?

CLÓTEN – Um estranho na corte? E eu não fui informado?

NOBRE 2 (*para o público*) – Ué, se ele próprio é estranho e ainda não foi informado...

NOBRE 1 – Um italiano amigo de Leonato.

CLÓTEN – Se é amigo desse pilantra, boa coisa não deve ser. Será que eu vou procurá-lo? Seria conveniente?

NOBRE 2 – O senhor nunca é inconveniente, Alteza. (*Consigno.*) Você é um idiota, Clóten. Seus atos são todos inofensivos e jamais serão inconvenientes. Me pergunto como é possível um demônio inquieto como a rainha ter colocado no mundo uma anta dessas. Com aquele cérebro que arrasa o que estiver pela frente e um filho desses, incapaz de somar dois mais dois... Coitada da princesa... O pai é capacho da rainha. A madrasta é uma conspiradora. O pretendente dispensa comentários e o marido tá exilado. Que os deuses preservem sua honra e, um dia, você possa usufruir o amor banido dessa terra de hipócritas.

Cena 2 – Londres, quarto de Imogênia

Um baú. Imogênia lê um livro na cama. Entra uma dama.

IMOGÊNIA – Quem está aí?

DAMA – Às ordens, princesa.

IMOGÊNIA – Que horas são?

DAMA – Quase meia-noite, Alteza.

IMOGÊNIA – Já faz três horas que estou lendo, meus olhos estão pesando. Dobra a página em que eu estava e deixe uma vela acesa, por favor, é hora de dormir.

A dama executa as ordens.

IMOGÊNIA – Ó, deuses, eu me entrego ao vosso amparo. Livrai-me dos maus espíritos e das tentações da noite. Protegei a mim e ao meu amor, que está distante.

Ela beija o bracelete e dorme. Giácomo sai do baú.

GIÁCOMO (*murmurando*) – Anjo lindo, se eu pudesse te beijar... Um único beijo... Que flor incomparável, a sua boca, e como perfuma o quarto. O fogo se inclina sobre

seu corpo e vasculha os sonhos atrás das pálpebras, da janela colorida dos teus olhos, dois vitrais pintados com as tintas do céu... *(Ele começa a examinar o quarto e a anotar o que vê. Após alguns instantes, nota o bracelete de Imogênia.)* Sono, tu que imitas a morte, faz do corpo de Imogênia a estátua que enfeita um mausoléu. *(Ele retira o bracelete.)* Como é bela... Aqui, no seio esquerdo, cinco pontinhos. Cinco sinais avermelhados como as gotas de um cálice de vinho, uma prova ainda mais forte... Agora, chega, não tenho mais o que anotar. Essa imagem vai ficar pra sempre guardada no meu coração. *(Silêncio.)* E tu, dragão da noite, passa rápido. Pra que a aurora venha logo abrir os olhos e despertar a mente desse diabo romano.

Ele volta para o baú.

Cena 3 – Londres, uma sala ao lado do quarto de Imogênia

CLÓTEN – É quase de manhã, não é?

NOBRE 1 – Já é dia, senhor.

CLÓTEN – Cadê os músicos que mandei chamar? *(Entram os músicos.)* Ah, aí estão vocês. Vamos, toquem. Penetrem o corpo dela com os dedos como fazem com o violão. Se não adiantar, tentem com a língua também.

Eles fazem uma serenata para Imogênia.

CLÓTEN – Maravilha! Podem ir embora. Se ela não se sensibilizar com isso é porque tem algum problema de audição. *(Saem os músicos. Entram Cimbeline e a rainha.)* Bom dia, Majestade, bonjour, maman!

CIMBELINE – Ficou de plantão na porta do quarto, Clóten?

CLÓTEN – Tentei acordar a princesa com música, Majestade, mas ela não deu muita atenção.

CIMBELINE – Malcriada! O exílio de Póstumo ainda é muito recente, só mesmo o tempo pra dar jeito.

RAINHA – Continue a cortejá-la como manda o protocolo, meu filho. Aproveite as recusas dela pra se mostrar gentil e compreensivo.

CLÓTEN – Yes, mommy!

Vinheta da BBC.

JENNIFER BRIGGS – Bom dia. As tropas inglesas estão em estado de alerta desde as primeiras horas manhã. Segundo informações de nossos correspondentes em Roma, a visita do embaixador Caio Lúcio a Londres pode ser apenas uma prévia do que vem pela frente. Nossas esquipes estão de sobreaviso e podem voltar a qualquer momento com maiores informações. Eu sou Jennifer Briggs, para a BBC News.

CIMBELINE – Caio é um homem bom, ainda que venha com intenção hostil. Não é culpa dele. Vamos recebê-lo com gentileza e conforme a honra merecida por quem o enviou. Meu filho, depois de dar bom dia à sua amada, venha se reunir comigo e com a rainha, precisamos de você pra receber o embaixador.

Saem Cimbeline e a rainha.

CLÓTEN (*para o público*) – Sei que a princesa está com as criadas... E se eu desse a uma delas, digamos, um incentivo pra me ajudar? O dinheiro abre portas e, a gente sabe, uma mão lava a outra. Por dinheiro, inocentes são mortos e ladrões são salvos. Ele tudo faz e tudo destrói. (*Bate à porta.*) Ei! Abre, por favor.

DAMA – Quem é?

CLÓTEN – Um gentil cavalheiro.

DAMA – E?

CLÓTEN – Sou de família ilustre e nobre, senhora.

DAMA (*para o público*) – Já é melhor que alguns que aparecem por aqui, porque, olha, vou te contar... (*Para Clóten.*) O que Vossa Senhoria quer?

CLÓTEN – Falar com a princesa. Ela está pronta?

DAMA – Está, sim. (*Para o público*) Pronta pra continuar dormindo.

CLÓTEN – Escuta: acho que nós dois podemos sair ganhando com essa história. Tenho dinheiro comigo...

DAMA – Senhor, mais respeito, por favor! Sou uma mulher honrada. (*Entra Imogênia.*)
Aí está a princesa. Boa sorte, Alteza.

A dama sai.

CLÓTEN – Bom dia, bela irmã.

IMOGÊNIA – Clóten, vou direto ao ponto: você tá perdendo seu tempo e não vai conseguir nada de mim.

CLÓTEN – Imogênia, eu te amo.

IMOGÊNIA – Pode falar, fazer promessa e jurar em nome dos deuses. Não vai funcionar.

CLÓTEN – Isso não é resposta que se dê.

IMOGÊNIA – Só respondo pra que você não pense que consinto em meu silêncio. Me poupe, Clóten, e acredite: rejeito a sua gentileza. Alguém com a sua perspicácia devia saber quando parar.

CLÓTEN – Seria um pecado deixar você se entregar à própria loucura.

IMOGÊNIA – Idiotas não cuidam de loucos.

CLÓTEN – Eu sou idiota?

IMOGÊNIA – E eu sou louca? Me ouça de uma vez por todas e não me obrigue a ser mais grosseira: não gosto de você. Queria que fosse capaz de perceber isso antes de a indiferença se transformar em ódio e sem ter que passar por esse tipo constrangimento.

CLÓTEN – O pobre coitado com quem se casou foi educado por caridade, com os restos desta corte. Uma união como essa sequer pode ser chamada de casamento. Se um infeliz resolve se casar com alguém tão fudido quanto ele próprio, alguém pra trepar e botar mais dois ou três miseráveis no mundo, tudo bem. Foda-se. Mas você deve obediência ao rei e à coroa. Você é uma princesa e não pode por em risco o futuro de um reino por causa de um servo desqualificado e maltrapilho.

IMOGÊNIA – Cala a boca, seu profano! Mesmo que você fosse filho de Júpiter, além de príncipe, seria indigno de ser até empregado de Póstumo. Devia se dar por satisfeito se tivesse a sorte de ser escravo dele e, ainda assim, seria odiado por receber esse favor.

CLÓTEN – Ele que apodreça na Itália!

IMOGÊNIA – Nada pode ser pior do que ter o nome pronunciado por você. A roupa mais simplória que tenha tocado o corpo dele é mais preciosa pra mim que todo o cabelo da sua cabeça, mesmo que cada fio se transforme num príncipe como você.
(*Entra Pisânio.*) Olá, Pisânio.

CLÓTEN – O quê? A roupa dele?...

IMOGÊNIA (*para Pisânio*) – Pisânio, chame a minha dama, por favor.

CLÓTEN – A roupa dele...

IMOGÊNIA – Pede a ela, ou a qualquer outra dama, que procure meu bracelete, eu devo ter perdido em algum lugar. É um presente de Póstumo e significa muito pra mim. Com certeza estava comigo ontem à noite, eu o beijei antes de dormir.

PISÂNIO – Vai ver que foi caminhando até Roma pra contar ao Póstumo que você anda beijando outra coisa além dele. *(Ele ri da própria piada. Imogênia se mantém séria. Ele se recompõe.)* Não se preocupe senhora, nós vamos encontrá-lo.

IMOGÊNIA – Assim espero.

Pisânio sai.

CLÓTEN – Você me ofendeu... A roupa mais simplória?

IMOGÊNIA – Sim, Clóten, a mais vagabunda. Achou ruim? Conta pra sua mamãe.

Cena 4 – Roma, pensão de Filária

FILÁRIA – Você viu as notícias mais cedo?

PÓSTUMO – Não.

FILÁRIA – A essa hora, Sua Majestade já deve ter recebido a intimação de César. O embaixador foi até Londres e, se tiver bom senso, o rei vai ceder em relação aos impostos. Caso contrário, vai ter de enfrentar mais uma vez o nosso exército, que já fez estragos suficientes na Inglaterra.

PÓSTUMO – Eu creio, minha amiga, apesar de não ser político, que isso vai acabar em guerra. E o jornal vai dar a notícia que os soldados romanos que estavam na França chegaram à Inglaterra antes de o rei pagar um centavo sequer.

FILÁRIA – Tirou as palavras da minha boca!

POSTUMO – Mas aí, na nossa ilha, vão ter que passar por cima dos hooligans!

Entra Giacomo.

FILÁRIA – Ih, olha só quem chegou! Seja bem-vindo, meu caro.

GIÁCOMO – Buon giorno!

PÓSTUMO – Voltou rápido, hein?

GIÁCOMO – Sua mulher é das mais lindas que já vi.

PÓSTUMO – É a mais honesta também. Senão a beleza não valeria de nada.

GIÁCOMO – Quem sabe... Só sei que eu faria com prazer uma viagem duas vezes mais longa que essa só pra desfrutar mais uma noite como aquela. O anel está ganho, Póstumo.

PÓSTUMO – Não vai ser tão fácil.

FILÁRIA – Não mesmo!

GIÁCOMO – Ah, não? Pois sua esposa não impôs dificuldades.

PÓSTUMO – Giacomo, seja um bom perdedor e me poupe dessa palhaçada. Entenda de uma vez por todas que não vamos continuar amigos.

Filária ri.

GIÁCOMO – Ah, nós vamos, sim, se você mantiver sua palavra. Se eu não trouxesse o gosto da sua mulher na minha boca, a história seria outra. Mas eu ganhei, e sem ofender ninguém, já que agi segundo a sua vontade e a dela.

FILÁRIA – Como?

PÓSTUMO – Então prove.

FILÁRIA – Caso contrário, vão ter que resolver a disputa de outra forma.

GIÁCOMO – Calma, Filária!

PÓSTUMO – Anda!

FILÁRIA – Calma, Póstumo!

GIÁCOMO – Primeiro, o quarto dela, onde não posso dizer que dormi, propriamente. O quarto tem um forro de seda e prata com um desenho de Cleópatra e Marco Antônio. Obra ousada, com técnica e beleza tão em harmonia que eu chego a me perguntar como é possível algo assim tão exótico e bem feito. Um primor!

FILÁRIA – Você pode ter ouvido isso de alguém.

PÓSTUMO – Até mesmo de mim.

GIÁCOMO – Ainda não terminei. Numa das paredes, fica uma lareira com a estátua de Diana tomando banho. Nunca vi algo assim, só falta respirar!

PÓSTUMO – Isso você também pode ter escutado.

FILÁRIA – Não prova nada.

GIÁCOMO – O teto é decorado com talha de madeira. Os suportes da lareira, já ia esquecendo, são dois cupidos de mármore com um dos pés no chão.

PÓSTUMO – Vamos supor que você viu tudo isso –

FILÁRIA – E que bela memória você tem!

PÓSTUMO – Mas sua descrição, por si só, não coloca em dúvida a honra de Imogênia.

GIÁCOMO – Bem, já que vocês querem ir até o fim da história, deem uma olhada nisso aqui. (*Mostra o bracelete.*) Vai combinar direitinho com o anel, Póstumo, vou usar os dois juntos.

FILÁRIA – Cazzo!

PÓSTUMO – Meu Deus... Deixa eu ver mais uma vez. É o bracelete que dei a Imogênia?

GIÁCOMO – Ela mesma tirou, disse que já tinha sido importante um dia.

PÓSTUMO – Talvez ela tenha mandado pra mim.

GIÁCOMO (*gargalhando*) – Ai, Póstumo! Não seja ingênuo!

PÓSTUMO – Não... Não pode ser. Então é verdade? Responde, é verdade? (*Giácomo fica em silêncio.*) É verdade... (*Ele entrega o anel a Giácomo.*) Leva, não consigo nem olhar pra esse anel. Pois fiquem sabendo: não pode existir honra onde há beleza, verdade onde há aparência, nem amor onde há mais de um homem. A palavra de uma mulher vale tanto quanto sua virtude, ou seja, nada! Meus Deus, como é falsa!

FILÁRIA – Vai com calma, Póstumo, tenha paciência! Pegue o seu anel de volta, ele ainda não tá perdido. É bem possível que a princesa tenha perdido o bracelete ou, quem sabe, uma dama desonesta pode ter roubado.

PÓSTUMO – Sim, Filária, é verdade... Devolve o anel, Giácomo. (*Tenta retomar o anel, mas Giácomo recolhe a mão.*) Me fala mais, algum segredo, um sinal, qualquer coisa. O bracelete foi roubado!

GIÁCOMO – Por Deus, Póstumo! Você é cego ou o quê?

Silêncio.

PÓSTUMO – Já chega, não quero ouvir mais nada! Leva esse anel, é tudo verdade. Ela jamais perderia o bracelete, ele é nossa aliança... As criadas fizeram um juramento e são honestas. Serem subornadas por um estranho? Não... Você possuiu Imogênia e ela vai pagar caro pela vadiagem. Leva o teu prêmio, e que todos os demônios do inferno se dividam entre vocês dois.

FILÁRIA – Póstumo, pelo amor de Deus, segura a tua onda! Isso não prova nada –

PÓSTUMO – Cala a boca, Filária! Chega! Ela e esse miserável deram uma boa trepada.

GIÁCOMO – Aqui, debaixo do peitinho, ela tem um sinal avermelhado. E que peitos... Beije até não poder mais e isso me deu mais vontade, vontade de fuder, apesar de já estarmos sem forças. Você lembra dessa manchinha?

Póstumo parte pra cima de Giacomo. Os hóspedes da pensão aparecem.

PÓSTUMO – Vai pro inferno, Giacomo!

GIÁCOMO – Quer escutar mais, inglês? Quer saber quantas foram? Want more? I fuck her! I fuck her!

PÓSTUMO – Se ela estivesse aqui, eu acabava com ela... Mas, sem problemas: eu acabo com você agora e depois vou atrás dela. Vou fazer isso em plena corte, na frente do pai dela... Eu vou matar Imogênia!

FILÁRIA – Vocês perderam o juízo, parecem dois idiotas! Tá feliz com sua vitória, Giacomo? Pois vai à merda com ela. Desisto de tentar trazer vocês pra realidade. Que essa fúria destrua os dois, eu não estou nem aí.

Filária sai. Em seguida, saem todos os presentes, exceto Póstumo.

PÓSTUMO – Por que os homens não podem ser gerados sem que as mulheres façam metade do trabalho? Somos todos bastardos... Vai saber por onde meu pai andava quando fui concebido, um outro qualquer pode muito bem ter feito esse serviço. Afinal,

minha mãe devia parecer tão honesta quanto minha esposa e, no entanto, Imogênia fez o que fez. Eu quero vingança! Deixei de aproveitar a vida por lealdade a ela. Tudo falsos pudores... Pensei que ela fosse pura como a neve das geleiras, poupada pelo sol. Meu Deus, e Giácomo, em uma hora, menos até, no primeiro encontro... Nem precisou falar. Como dois bichos selvagens, sem regras, eles fizeram. Ele sequer teve a resistência que esperava encontrar. Se eu pudesse achar em mim essa parte da mulher... Sim, porque não é do homem que vem a propensão ao vício, a mentira, a traição. A lascívia e os pensamentos sujos, a ambição. A cobiça, a arrogância, os desejos impuros e a calúnia. A volubilidade, enfim, todos os defeitos. É da mulher que vêm, em parte ou inteiros. Todos! Nem no vício elas são constantes, pois sempre trocam um vício velho por um novo. De agora em diante, vou viver contra vocês, mulheres. Detestá-las, maldizê-las e orar a todos os demônios pra que se percam ao se entregar às suas próprias tentações.

ATO 3

Cena 1 – Londres, estúdios da BBC

Vinheta. Palmas. De um lado da mesa estão os representantes da Inglaterra; de outro, os do Império Romano. As torcidas estão no estúdio.

JENNIFER– Estamos de volta com a *BBC Round Table*, a mesa redonda que leva as principais questões da geopolítica do Império Romano para a sala da sua casa. No programa de hoje, estamos discutindo a chamada “questão anglo-romana”, que envolve o não pagamento de impostos, pela Inglaterra, ao governo central do Império. Senhor embaixador Caio Lúcio, retomando a pergunta do bloco anterior: quais são as demandas imediatas do imperador Augusto César?

LÚCIO – Apenas uma, Ms. Briggs. Na época em que Júlio César, de quem todos aqui se lembram bem, veio até a Inglaterra e a conquistou, o ilustre rei Cassibelano, tio de Cimbeline, assumiu junto a Roma o compromisso de pagar, anualmente, tributo no valor de cem milhões de euros. Infelizmente, esse contrato foi rompido pela administração atual.

RAINHA – Senhor embaixador, com todo respeito e para sua informação: vai ser assim daqui pra frente.

CIMBELINE – Calma, meu bem.

CLÓTEN – A Inglaterra é, por si só, um mundo e nós não vamos pagar nada pelo direito de usar nosso próprio nariz.

RAINHA – As circunstâncias agora são outras, embaixador. E os telespectadores devem sempre se lembrar dos ancestrais de Sua Majestade e da bravura natural de nossa ilha. Esse parque dos deuses, rodeado de água salgada e rochas intransponíveis que destroem por inteiro os navios inimigos. Júlio César venceu, sim, uma batalha, mas não enterrou a autoestima deste país. Seus navios rolaram feito brinquedos e se espatifaram nas pedras como cascas de ovos sobre as ondas, foi por pouco que Cassibelano não venceu. E, nas noites de vitória, fogos de artifício estouravam no céu de Londres.

Palmas.

CLÓTEN – Por favor, não há tributo a ser pago! Nosso reino está mais forte e não há mais césaes como antes...

CIMBELINE – Filhote, espera tua mãe –

CLÓTEN – Por que temos que pagar impostos, embaixador? Se Augusto César conseguir tapar o sol com uma lona ou esconder a lua no bolso, aí sim pagaremos impostos pela luz. Caso contrário, mande ele enfiar os impostos no cu!

LÚCIO – Mas o que é isso!?

Confusão na mesa e nas torcidas.

CIMBELINE – Clóten!

JENNIFER – Senhores, por favor, isso é um debate democrático, vamos manter o decoro!

LISA EDWARDS – Jen, me permite um aparte?

Os presentes se acalmam e aos poucos retomam seus lugares.

JENNIFER – Pois não, Ms. Edwards. Senhores, silêncio, por favor! Vamos ouvir nossa comentarista de política, Ms. Lisa Edwards.

LISA – Obrigada, Ms. Briggs. Antes disso, boa noite a você, Jennifer, boa noite, participantes desta mesa e, principalmente, boa noite a você que nos prestigia com sua audiência até essa hora. Em primeiro lugar, como analista política, tenho a obrigação de trazer uma perspectiva imparcial e objetiva da questão –

RAINHA – Ih, começou...

LISA (*ignorando a provocação*) – da questão anglo-romana. Gostaria de lembrar que a Inglaterra era independente até a invasão de Júlio César, quando foi imposta a tal cobrança de tributos. É claro que existe um processo natural de expansão do império, essa é a tendência de uma economia globalizada. Mas é preciso reconhecer também a cobiça de Roma, tão inchada que abarca quase o mundo inteiro! Isso é justo, senhores? Impor obrigações aos ingleses contra todo e qualquer direito? Ora, reagir a isso é algo esperado, principalmente se tratando de um povo belicoso como esse. Sendo assim, apelo pra busca de uma solução dentro das instituições. Roma tem seus interesses legítimos, mas a Inglaterra tem suas leis e costumes próprios, pelos quais vai lutar. Se os dois lados não escutarem a razão, prevejo o pior para o desfecho desse conflito.

LÚCIO – Essa é sua opinião imparcial? Parabéns pelo espírito científico, doutora! (*Vaias.*) O que o senhor acha disso, nobre Cimbeline? (*Cimbeline se desconcerta e não sabe como responder.*) Sendo assim, lamento imensamente, mas sou obrigado a declarar Augusto César seu inimigo. Em nome do Império Romano de César, que tem mais reis a seu dispor que os criados do teu castelo, eu te declaro guerra! A fúria de Roma vai destruir a Inglaterra!

Silêncio geral. Vinheta.

Cena 2 – Londres, palácio de Cimbeline

PÓSTUMO (*falando o texto de uma carta escrita por ele*) – “Age. A carta que enviei a ela vai te mostrar o caminho a seguir. Póstumo.”

PISÂNIO (*com a carta nas mãos; após um silêncio*) – Desleal? Mas, como? Quem é o monstro que a acusa, Leonato? Que veneno foi esse que penetrou em seu ouvido, que conseguiu te convencer, você que é tão justo e bom com todos? Você está sendo cúmplice de um crime, Póstumo, e a princesa, sendo atacada injustamente. Matá-la, como? Derramar o sangue de Imogênia em nome da lealdade que devo a você? Se isso forem bons serviços, eu jamais vou ser um bom servidor, porque jamais serei capaz de cometer tamanha desumanidade.

PÓSTUMO (*falando o texto de outra carta escrita por ele*) – “Não temo a lei, nem o ódio do teu pai, querida esposa, desde que estejamos juntos. Estou no País de Gales, em Milford Haven, e, sabendo disso, segue o conselho que o seu coração te der. Daquele que será sempre fiel a ti. Póstumo.”

IMOGÊNIA (*com a carta nas mãos*) – Oh! Benditos sejam os segredos dos amantes! Tão boas notícias, a letra dele... Ouço sua voz e suas palavras têm o sabor do amor e da alegria. Quanta saudade! Você ouviu, Pisânio? Está em Milford Haven. É longe daqui?

PISÂNIO – Hum –

IMOGÊNIA (*excitadíssima*) – Então, Pisânio, já que você, assim como eu, está ansioso pra rever teu senhor, que quer... Ai, meu deus! Não, nem tanto quanto eu. Sim, você que quer, embora com menos vontade que eu... Ai, Póstumo! Não como eu, Pisânio, minha vontade é maior que o mundo! Meu amor... Fala, Pisânio, não seja lerdo! Fala logo! Onde fica essa tal Milford Haven?

PISÂNIO – Bem, Milford Haven –

IMOGÊNIA – Como vamos sair daqui? Como explicar nossa ausência, Pisânio, como? Mas por que ficar já pensando nas desculpas? Depois a gente pensa nisso! Meu amor!

Anda logo, Pisânio, fala: quanto tempo é daqui até Milford Haven? Meu Deus, como você é lento, Pisânio!

PISÂNIO – Fica a uns 30 quilômetros daqui, Alteza. São alguns dias, é um pouco longe

–

IMOGÊNIA – Amigo, nem um condenado à cadeira elétrica anda tão devagar no corredor da morte! *(Ela ri da própria piada. Pisânio permanece preocupado. Ela se recompõe.)* Ai, Pisânio, mais de senso de humor, vai! Vamos pensar: diga a uma das damas pra fingir que está doente e que quer voltar à casa dos pais. Depois, consiga pra mim uma roupa simples como a das criadas.

PISÂNIO – Senhora, você devia pensar bem.

IMOGÊNIA – Só vejo o que está à minha frente, Pisânio. Como um cavalo. Não enxergo nada em volta e nada atrás. Só à frente. Vai, eu te peço, faz o que te pedi. Vamos para Milford Haven!

Cena 3 – País de Gales, em frente à caverna de Belária

BELÁRIA – O dia está bonito demais pra ficar em casa, rapazes. Saiam! Esse teto baixo e essa porta estreita nos ensinaram como adorar o céu nas preces da manhã, nos curvando diante da imensidão da natureza. As portas dos castelos são grandiosas e seus moradores as atravessam com arrogância, sem retirar as coroas douradas pra dar um bom dia ao sol. Mas, da nossa caverna, não vamos destratá-lo como os habitantes dos castelos luxuosos. Salve, belo céu!

WILLIAM – Salve, céu!

KATE – Salve, céu!

BELÁRIA – Subam a montanha, meus filhos! Vou ficar aqui embaixo esperando vocês, que são mais jovens. Quando estiverem lá no alto e me virem do tamanho de um rato, lembrem das histórias que eu contei a vocês, de cortes, príncipes e guerras. Lembrem

que, lá, o trabalho não tem valor e só é considerado trabalho quando é reconhecido pelos poderosos. Isso é vida? Pensem nisso, porque nos faz valorizar o que está à nossa volta. E, muitas vezes, descobrimos que o besouro, com suas asinhas finas, está em melhor situação que a águia, com sua envergadura. Nossa vida é mais nobre e honrada que a deles, de roupas de seda e tapinhas nas costas dos banqueiros. Não, meus filhos, aquilo não é vida.

WILLIAM – Você fala por experiência própria, minha mãe. Com nossas asas curtas, nunca pudemos ver além do ninho e conhecer outros ares. Talvez nossa vida seja mesmo melhor, além de mais tranquila pra alguém da sua idade. Mas, pra nós, é uma cadeia de ignorância. Viajamos apenas na imaginação, como um prisioneiro que vê o mundo através das grades.

KATE – Quando tivermos a sua idade, que histórias teremos pra contar? Não vimos nada do mundo. Vivemos aprisionados numa floresta e, como pássaros encurralados pela liberdade, cantamos nossa própria escravidão.

BELÁRIA – Mas vocês falam, hein? Se sentissem a violência da cidade na própria carne, os protocolos ridículos da corte, o veneno dos salões, a ascensão e a queda das carreiras. Se vissem o sofrimento da guerra, a busca pela glória que só conduz à morte e a um belo epitáfio... Ah, meus filhos! Trago no corpo as marcas das espadas romanas. Eu era considerada um dos melhores soldados de Cimbeline, que tinha respeito e admiração por mim, e depois, feito uma árvore carregada que a tempestade derruba, eu fiquei sem nada, nua, exposta à crueldade do tempo.

WILLIAM (*impressionado*) – O destino é incerto...

BELÁRIA – E vocês sabem: dois impostores deram falso testemunho ao rei, disseram que eu havia me aliado aos romanos e eu fui banida. E há vinte anos que estas matas são o meu mundo, onde vivo honestamente e em liberdade, em paz comigo e com meus deuses. Mas, vamos, escalem a montanha! Quem matar o primeiro animal vai ser o dono da festa! (*Saem William e Kate.*) Como é difícil dominar a natureza! Não sabem que são filhos do rei e Cimbeline nem sonha que estão vivos. Apesar de terem crescido em uma caverna, seus pensamentos chegam até as torres dos palácios. E a natureza, até

nas coisas banais, inspira neles atitudes de príncipes. Guilherme, herdeiro do trono, foi batizado como William pelo rei. Quando conto a ele meus feitos de guerra, toda sua alma se excita e, na mesma hora, o sangue real sobe à cabeça e ele começa a suar. A mais nova, Clara, antes se chamava Kate. Ela imita o irmão e, como ele, encarna minha fala e demonstra seu espírito guerreiro. *(Ouve-se o barulho de um bicho sendo pego.)* Acho que pegaram algo! Ó, Cimbeline, meu ex-senhor: os deuses e minha consciência sabem que fui banida injustamente. Por isso raptei teus filhos, pra que, sem sucessão, seu reino desaparecesse. E, assim, eu te roubaria algo muito mais valioso do que as terras que tirou de mim. Ou melhor, de Belária. Porque, se quiser se dirigir a mim agora, sua ex-servidora, terá que procurar por Florence.

Ouve-se novamente o barulho de um bicho.

Cena 4 – País de Gales, próximo de Milford Haven

IMOGÊNIA – Você disse que era perto, Pisânio! Onde está Póstumo? *(Ele não responde.)* O que aconteceu com você, que cara é essa? Parece que morreu alguém, que horror! Vamos, se anima, você está me assustando!

PISÂNIO *(entregando-lhe uma carta)*– Por favor, lê.

PÓSTUMO *(falando o texto da carta lida por Imogênia)* – “Tua senhora, Pisânio, é uma prostituta. Não estou falando a partir de especulações, mas de provas tão cabais quanto a minha dor e tão implacáveis quanto a minha vingança. Preciso que faça algo por mim, caso teu caráter não esteja manchado pela infidelidade de Imogênia: com suas próprias mãos, você deve matá-la em Milford Haven. Ela também receberá uma carta minha. Caso não cumpra minha ordem, você será cúmplice da desonra e tão desleal comigo quanto ela.”

Silêncio.

IMOGÊNIA – Infiel, eu? O que é ser infiel? Deitar e não dormir, pensando nele? Chorar horas a fio, pensando nele? Acordar gritando no meio da noite com um pesadelo

em que o vejo? Desobedecer ao próprio pai, o rei, e rejeitar o assédio de príncipes? Isso é ser infiel, Pisânio?

PISÂNIO – Senhora –

IMOGÊNIA – Acusei Giácomo de mau-caráter, mas, hoje, a história parece diferente. Alguma vadia italiana seduziu Póstumo. Não valho nada pra ele, como uma roupa fora de moda que ele joga fora e rasga em pedacinhos! Meu Deus, quanto vale a promessa de um homem?

PISÂNIO – Escuta, senhora –

IMOGÊNIA – Póstumo, você está cometendo um grande erro. *(Dirigindo-se a Pisânio.)* Vamos, amigo, seja leal ao teu amo e cumpra a sua ordem. Não o decepcione. *(Sacando a espada de Pisânio.)* Aqui está a espada, toma e fere meu coração, que até poucas horas era tão ingênuo e apaixonado e que, agora, está cheio de dor e nada mais. Não tenha medo, enfia a espada no meu peito e cumpra a ordem de Póstumo. Vamos, não seja covarde!

PISÂNIO – Afasta de mim essa arma, Imogênia, não vou sujar minhas mãos com o teu sangue! As calúnias de Póstumo já cortam tua garganta e sua língua venenosa espalha mentiras pelo ar.

IMOGÊNIA – Mas eu devo morrer. E se não for pela sua mão, você estará traindo a confiança de Póstumo. A lei divina impede que eu me mate, mas vem, eis meu coração, sem qualquer resistência! Vamos, Pisânio, onde está a sua arma? Execute as ordens do teu amo, que são também as minhas!

PISÂNIO – Alteza, desde que recebi essa incumbência, não preguei mais os olhos –

IMOGÊNIA – Então por que me trouxe até aqui? Por que andar toda essa distância à toa e perturbar a corte com minha fuga? Vir tão longe se você baixa o arco quando a caça está na sua frente?

PISÂNIO – Pra ganhar tempo! (*Silêncio.*) Eu tenho um plano, Imogênia. Me escuta, por favor.

IMOGÊNIA – Acabo de ser chamada de puta...

PISÂNIO – Senhora, Póstumo foi enganado –

IMOGÊNIA – Alguma romana vagabunda, talvez.

PISÂNIO – Não, Imogênia, por Júpiter! Escuta: você não voltará pra corte. Vou espalhar a notícia de que você está morta e enviar a Póstumo algum sinal de sangue, obedecendo à ordem dele. Sua ausência vai servir pra confirmar.

IMOGÊNIA – Mas o que eu faço nesse tempo, meu amigo? Como vou sobreviver, onde vou morar? E que prazer vou ter na vida, se, pro Póstumo, estarei morta?

PISÂNIO – Bem, você pode voltar pra corte –

IMOGÊNIA – Não! Nem corte, nem pai, nem mais um minuto com aquele grosso, aquele merda do Clóten. O assédio dele é pior que a humilhação.

PISÂNIO – Se você não voltar, é melhor sair da Inglaterra.

IMOGÊNIA – E por que não? Existe vida fora da Inglaterra! Nosso país está no mundo sem pertencer a ele. É uma grande ilha à deriva.

PISÂNIO – Fico feliz que enxergue as possibilidades, Alteza. Lúcio, o embaixador romano, deve chegar a Milford Haven amanhã. Pois bem, você pode chegar disfarçada até Roma e, de alguma forma, se aproximar de Póstumo.

IMOGÊNIA – Oh, eu faria qualquer coisa por isso!

PISÂNIO – Então você deve esquecer que é mulher. Mulher e princesa. Em vez de mandar, vai obedecer. Vai transformar sua graça e sua doçura em arrogância e coragem, esquecer a beleza do seu rosto e suas joias.

IMOGÊNIA (*empolgada*) – Já sou quase um homem, Pisânio!

PISÂNIO – Pensando no disfarce, eu trouxe jaqueta, gorro, meias e tudo que um homem usaria. Você vai se apresentar a Lúcio vestida como um rapaz e oferecer a ele seus serviços. Ele vai saber valorizar seus talentos e vai te acolher, pois é um homem bom, apesar do cargo que ocupa. Quanto à sua sobrevivência, pode contar comigo: tenho algum dinheiro guardado e não vai te faltar nada.

IMOGÊNIA – Você é o melhor amigo que a vida podia me dar, Pisânio. Obrigada. Agora vai embora, decidimos o resto depois. Nesse tempo, vou ser um soldado e agirei como um príncipe! Vai, pode ir.

PISÂNIO – Uma última coisa, senhora. Essa caixa foi um presente da rainha e têm remédios preciosos. Se você sentir dor, tome essa medicação e você vai melhorar. Se cuide, Alteza, e busque o homem que há em você. Que os deuses te guiem em seus caminhos. Adeus.

Cena 5 – Londres, bastidores dos estúdios da BBC

Os participantes do debate conversam enquanto Jennifer e Lisa trocam intimidades em um canto.

CIMBELINE – Embaixador, lamento enormemente que as coisas tenham tomado esse rumo.

LÚCIO – Igualmente, Majestade, mas tudo o que faço é em obediência às ordens do imperador. Seu reino agora é um inimigo de Roma.

CIMBELINE – Estou a serviço dos meus súditos, Lúcio, e eles jamais aceitariam seu domínio. Se eu agisse de outro modo, não seria digno desta coroa.

LÚCIO – Entendido, senhor. Bem, me resta pedir a gentileza de uma escolta até Milford Haven. (*Dirigindo-se à rainha e a Clóten.*) Senhora, meu jovem: foi um prazer.

Sai Lúcio.

RAINHA – É um bosta n'água. Foi bom termos marcado posição.

CLÓTEN – Nossos súditos não esperariam menos.

CIMBELINE – A essa hora, o imperador já deve ter sido informado do que aconteceu. Armemos nossos exércitos. As forças romanas em breve vão se reunir na França e, de lá, vão partir com tudo pra cima de nós.

RAINHA – Não podemos bobear.

CIMBELINE – Vou ser rápido e enérgico, rainha. (*Silêncio.*) Onde está nossa filha? Imogênia não veio receber Lúcio conosco e nem bom dia ela nos deu hoje. O que há com ela?

JENNIFER – Quer que mande alguém averiguar, Majestade?

CIMBELINE – Por gentileza, Ms. Briggs, mande chamá-la. Temos sido tolerantes demais.

Jennifer cochicha no ouvido de Lisa. Lisa sai.

RAINHA – Nobre esposo, desde o exílio de Póstumo, a princesa anda reclusa. Creio que somente o tempo pode curá-la. Portanto, eu te peço, poupe a princesa de palavras mais duras. Ela está muito sensível e qualquer coisa –

Entra Lisa.

CIMBELINE – Lisa, onde está Imogênia? Por Júpiter, quanto descaso!

LISA – Desculpe, senhor, não conseguimos encontrá-la. O quarto está trancado e ninguém responde, bateram várias vezes na porta. Pisânio também está sumido há dias.

RAINHA – Meu senhor, da última vez que visitei a princesa, ela se desculpou por estar tão retraída e indisposta. Me pediu pra te dizer isso, mas, na confusão dos últimos dias –

CIMBELINE – Quarto trancado? Pisânio? Espero que minha intuição esteja errada.

Sai.

RAINHA (*consigo.*) – Pisânio, ele bem que podia ter tomado as minhas droguinhas... Mas, e Imogênia: onde está essa vagabunda? Deve ter se desesperado e foi correndo atrás de Póstumo. Se se entregou à morte ou à desonra, tanto faz, nos dois casos eu saio ganhando: com ela fora da linha, a coroa da Inglaterra será minha.

CLÓTEN – Eles fugiram, rainha! Imogênia fugiu com Pisânio. Vá acalmar o rei, ele pode acabar fazendo alguma besteira.

RAINHA – Melhor assim. Quisera eu que não sobrevivesse a mais essa contrariedade.

Sai.

CLÓTEN (*consigo*) – Eu a amo e odeio ao mesmo tempo... Imogênia é bela e nobre, tem os dotes mais raros que qualquer mulher. Ela tem o melhor de cada uma, é a síntese de todas as mulheres do mundo. Por isso eu a amo. Mas, ao me desdenhar por causa de Póstumo, ela se rebaixa a tal ponto que asfixia tudo o que tem de mais precioso. E aí eu vejo que a odeio. Mais: vejo que quero me vingar. (*Entra Pisânio.*) E você, miserável... Canalha, você agora é conspirador também?

JENNIFER (*constrangida*) – Alteza, vou ter que chamar a segurança –

CLÓTEN (*segurando-o pela camisa*) – Seu tratante de merda, onde está Imogênia? Responde, responde agora, senão eu vou te mandar pro quinto dos infernos!

PISÂNIO – Meu senhor –

CLÓTEN – Onde está tua senhora, Pisânio? Não vou perguntar outra vez. Fala, seu dissimulado, ou rasgo teu coração pra encontrar o segredo! Ela está com Leonato? Anda, fala! Está com ele?

PISÂNIO – Meu senhor, como poderia estar, se ele está em Roma?

CLÓTEN – Onde ela está, Pisânio? Seja objetivo e me diga com clareza: o que foi feito de Imogênia?

PISÂNIO – Meu digno senhor –

CLÓTEN – Digno senhor é o caralho! Me diz agora onde a princesa está, chega de enrolação! Fala, ou você tá morto!

JENNIFER – Alteza, assim o senhor me obriga –

CLÓTEN (*soltando-o*) – Está tudo bem, Ms. Briggs.

PISÂNIO (*recompõe-se e entrega-lhe uma carta*) – Isso é tudo o que eu tenho, senhor. (*Para o público, enquanto Clóten lê.*) Ou é isso ou eu viro picadinho. Imogênia deve estar longe e a salvo. Ele pode até ir atrás dela, mas não vai encontrá-la. Também tenho que dizer a Póstumo que ela está morta. Imogênia, minha ama, que você possa vagar pelo mundo em liberdade!

CLÓTEN – Isso aqui é verdade, canalha?

PISÂNIO – Pode acreditar, senhor.

CLÓTEN – É a letra de Póstumo... Pisânio, seu patife, se você quer mesmo provar que não é um crápula, vai ter que fazer um serviço pra mim, e tem que ser logo. Aí, sim,

você vai ter pra sempre meu respeito e proteção. Vai ter que ser tão fiel a mim quanto foi a Póstumo. Quer me servir?

PISÂNIO – Claro, senhor.

CLÓTEN (*entragando-lhe dinheiro*) – Pega esse dinheiro. Preciso que você traga uma roupa do teu ex-patrão, é o seu primeiro serviço.

PISÂNIO – Tenho uma em meu quarto, senhor. A roupa que ele estava usando quando se despediu dela.

CLÓTEN – Traz essa roupa, leva até o meu quarto. Vai! E bico calado em relação a isso, me obedeça e você só tem a ganhar.

PISÂNIO – Assim farei, senhor. (*Consigno.*) Ser leal a ti e falso com o mais leal dos homens? Vai acreditando... Você nunca vai encontrá-la, seu escroto. Assim, Clóten, sou falso contigo e leal a mim mesmo.

Sai.

CLÓTEN (*transfigurado*) – Uma vez ela disse, eu sinto em minha boca o amargor das suas palavras, ela disse que tinha mais respeito pelas roupas de Póstumo que por mim e todos os meus dotes. Todos... Pois, usando essa mesma roupa, eu vou matá-lo, matá-lo na frente dela e estuprá-la. Exatamente com as roupas que ela tanto elogiou. Vou vingar minhas ofensas e saciar meu desejo em cima do cadáver de Póstumo. Então ela vai ser obrigada a me respeitar e, humilhada e com o marido morto, vou trazê-la debaixo de porrada de volta pra corte. Ela me desprezou e agora eu terei prazer em me vingar. Na floresta de Milford Haven.

Sai. Jennifer e Lisa murmuram, em clima de paixão.

JENNIFER – Que confusão, né?...

LISA – Uhum...

JENNIFER (*fazendo carinho em Lisa*) – Achei que você não fosse falar no debate...

LISA (*retribuindo*) – Achou?

JENNIFER – Uhum... Você é tão... sábia...

LISA (*retribuindo*) – Sou?..

JENNIFER (*cada vez mais perto*) – Uhum...

LISA (*murmurando*) – Você que é muito gentil...

JENNIFER – Sou?

LISA (*ofegante, perdendo o controle*) – Uhum... Tudo tão complicado por aqui, né?...

JENNIFER (*quase inaudível, entregue*) – Muito... Muito complicado...

As duas se pegam.

Cena 6 – País de Gales, diante da caverna de Belária

IMODÉLIO – Porra, como é difícil ser homem! Estou exausta e faz dois dias que estou dormindo no chão, não sei como não fiquei doente. Ó, Milford, você me pareceu tão acolhedora do alto da montanha! E, agora eu estou com fome, perdida em teus caminhos. (*Vê a caverna.*) Mas, o que será isso? Melhor não chamar, mas a fome me enche de coragem... Ei, tem alguém aí? Por favor, responde. É algum selvagem? Tem alguma coisa pra comer? Olá! Ninguém responde? (*Saca a espada.*) Vou entrar. Se o inimigo tiver tanto medo de espada quanto eu, não vai nem chegar perto.

Entra na caverna. Chegam Belária, William e Kate.

BELÁRIA – Guilherme, você é o dono da festa! Eu e a Clara vamos cozinhar. Com a fome que a gente tá qualquer coisa vai ser um banquete! Vai, pode ir descansar.

WILLIAM – Estou exausto.

KATE – E eu, exausta e com fome.

WILLIAM – Tem carne seca aí dentro, a gente pode beliscar enquanto a comida fica pronta.

BELÁRIA (*olhando para o interior da caverna*) – Um momento, não entrem agora! Meu Deus... Se não estivesse comendo a nossa carne, eu ia achar que era um elfo...

WILLIAM – O que foi, mãe?

BELÁRIA – Por Júpiter, é um anjo! A perfeição da natureza, a divindade em forma de rapaz...

Imodélio sai da caverna.

IMODÉLIO – Meus bons senhores, me perdoem. Chamei várias vezes antes de entrar, eu precisava comer... Não roubei, jamais faria isso, nem se encontrasse dinheiro no chão. Aqui está o pagamento pela carne. Muito obrigado e me desculpem.

WILLIAM – Dinheiro, meu caro?

KATE – Aqui o seu dinheiro sujo não tem valor nenhum!

IMODÉLIO – Vejo que estou incomodando. Adeus, senhores.

BELÁRIA – Pra onde está indo?

IMODÉLIO – Milford Haven, senhor.

BELÁRIA – Como se chama?

IMODÉLIO – Fidélio. Tenho um parente de partida pra Itália, ele vai embarcar em Milford. Estava indo ao encontro dele, mas, como estava morrendo de fome, fiz essa besteira –

BELÁRIA – Tá tudo certo, rapaz. Coma com a gente, eu faço questão. Não se incomode, nossa casa é simples, mas vamos celebrar esse feliz encontro. Rapazes, deem as boas-vindas ao nosso hóspede!

WILLIAM – Fidélio, não é por nada, não, mas, se você fosse mulher, eu ia fazer de tudo pra casar com você!

KATE – Ei, tira o olho! Quer dizer... Vou te amar como um irmão, Fidélio. Seja bem-vindo, você está entre amigos!

IMODÉLIO (*consigo*) – Quem me dera fossem filhos do meu pai. Assim eu não teria que carregar o peso da coroa e estaria livre pra me casar com Póstumo.

Os três conversam entre si.

BELÁRIA – Ele tá atormentado com alguma coisa.

WILLIAM – Se eu pudesse fazer algo...

KATE – Eu faria qualquer coisa pra que ele ficasse bem.

BELÁRIA – Escutem...

Falam em voz baixa.

IMODÉLIO (*consigo*) – Os homens mais virtuosos da corte não são mais nobres que essa gente. Os deuses que me perdoem, mas eu mudaria de sexo só pra ser amigo deles, já que Leonato é infiel e me despreza.

BELÁRIA – Meu jovem, é uma alegria ter você aqui. Depois do jantar, por que você não conta a sua história pra gente?

Cena 7 – Londres, estúdios da BBC

Vinheta.

JENNIFER – Notícia urgente: acaba de chegar de Roma a informação de que a guerra contra a Inglaterra está oficialmente declarada. Em decreto emergencial assinado pelo

imperador, todos os nobres de César são convocados a se juntar às tropas que estão a caminho da França. No mesmo ato, o embaixador Caio Lúcio, que já se encontra às margens do Canal da Mancha, é nomeado general das forças imperiais. O clima é de apreensão em toda a Grã-Bretanha e podemos voltar a qualquer momento com maiores informações. Eu sou Jennifer Briggs, para a BBC News.

ATO 4

Cena 1 – País de Gales, diante da caverna de Belária

CLÓTEN (*para o público*) – Se Pisânio estiver falando a verdade, eles estão por aqui. Ele não ia se atrever a me enganar... Fico bem com as roupas de Póstumo? (*Silêncio.*) Por que eu não ficaria bem ao lado da mulher dele? Sou tão bonito quanto ele, tenho músculos, sou mais forte. Tenho mais oportunidades na vida, pois nasci em berço de ouro, sou um bom soldado e melhor no corpo-a-corpo. Na porrada! E, cá pra nós: mulher não resiste a uma boa cantada... Mas Imogênia, a filha da puta, gosta dele e não de mim! Tudo bem... Póstumo, a sua cabeça, isso que você tem em cima dos ombros, logo, logo vai ser cortada! E eu vou estuprar sua mulher e rasgar a roupa dela na sua frente. Venham, demônios, ao meu encontro! E coloquem o casalzinho na palma da minha mão.

Sai Clóten. Belária, William, Kate e Imodélio estão diante da caverna.

BELÁRIA – Você não está bem, Fidélio. Fique em casa e nos vemos depois da caçada.

KATE – Fica, irmão.

IMODÉLIO – Estou me sentindo mal...

WILLIAM – Quer que eu fique com você?

IMODÉLIO – Não se preocupe, Guilherme, não é nada sério. Me deixe só, por favor, e vá cuidar das suas coisas, não mude sua rotina por mim. De que adianta? Sua companhia não pode me curar. Fica tranquilo, eu vou ficar bem. E, se eu morrer, não vou fazer falta pra ninguém.

WILLIAM – Não fala isso! Gosto muito de você, tanto quanto da minha mãe.

BELÁRIA – Oi?

KATE – Desculpa, mãe, mas estou com meu irmão. Também não sei por que gosto tanto dele, mas a senhora mesmo diz que o amor não precisa de motivos. Se eu tivesse que escolher entre a senhora ou ele, eu escolheria ele.

BELÁRIA *(para o público)* – Rico é foda, né? E a natureza é sábia: covarde gera covarde, nobre gera nobre. Tudo bem que eu não sou a mãe verdadeira deles, mas quem é esse jovem? Que milagre é esse que faz ele ser mais amado pelos meus filhos do que eu? *(Em voz alta.)* Vamos embora!

KATE – Adeus, Fidélio.

Ela o beija.

IMODÉLIO – Adeus, boa caçada! *(Consigo.)* São tão gentis... Meu Deus, como mentiram pra mim! Me diziam na corte que todos de fora são selvagens, mas olha isso... Não é verdade! Os mares do reino geram monstros enquanto os rios que os cercam nos dão peixes. *(Silêncio.)* Estou muito mal, preciso de um remédio.

Bebe o remédio entregue por Pisânio. Os outros conversam entre si.

WILLIAM – Ele não se abriu comigo. Disse que era nobre, mas infeliz, que foi traído mesmo sendo leal.

KATE – Falou a mesma coisa pra mim.

WILLIAM – Ele canta e cozinha muito bem.

KATE – Muito! E mesmo com dor, não perde o olhar obstinado.

BELÁRIA – Vamos embora, chega de enrolação! Descanse, Fidélio, e vê se não piora! Você é muito delicado.

Ri sozinha de sua piadinha. Imodélio sai. Entra Clóten.

CLÓTEN – Cadê esses bastardos? Pisânio me fez de otário... *(Silêncio.)* Estou sem forças...

BELÁRIA *(para William e Kate)* – Vocês ouviram? Bastardos! Ele tá falando da gente? *(Silêncio.)* Ei, esse é Clóten, filho da rainha! Não o vejo há anos, mas me lembro bem da cara dele. Aí tem coisa... Vamos embora!

WILLIAM – Ele está sozinho. Vão embora, deixa que eu resolvo isso.

Saem Belária e Kate.

CLÓTEN – Quem é você? O que você quer? É escravo de alguém?

WILLIAM – Eu me chamo Guilherme.

CLÓTEN – Some da minha frente, seu bandido!

WILLIAM – E você, quem é? Não sou tão digno quanto você? Tão homem quanto você? Pouco me importam as suas grosserias, pode falar à vontade. Anda, fala: por que eu deveria te obedecer?

CLÓTEN – Seu merda, não está reconhecendo as minhas roupas?

WILLIAM – Não.

CLÓTEN – Imbecil... Você vai tremer quando souber quem eu sou.

WILLIAM – Qual é o seu nome?

CLÓTEN – Clóten, o Grande.

WILLIAM (*rolando de rir*) – Porra, tô tremendo pra caralho, olha! Nunca tremi tanto na minha vida.

CLÓTEN – Pois fique sabendo que sou filho da rainha.

WILLIAM (*ainda rindo*) – Lamento, mas você não parece muito digno do berço em que nasceu.

CLÓTEN – Então você não tá com medo?

WILLIAM – Tenho medo de quem eu respeito, cavalheiro. Os idiotas como você só me fazem rir.

CLÓTEN – Eu vou acabar com você. E, depois de te matar, vou atrás das duas putas que estavam contigo e pendurar a cabeça dos três na torre de Londres.

Eles lutam. Entram Belária e Kate. Continuam lutando.

BELÁRIA – Ele não mudou nada, continua com a mesma cara, a mesma voz, a mesma grosseria. Eu tenho certeza, era Clóten.

KATE – Espero que esteja tudo bem com Guilherme.

William entra com uma bola de futebol nas mãos: a cabeça de Clóten. Ele e Kate começam a jogar.

WILLIAM – Que belo idiota, esse Clóten! Idiota e liso, não tinha nenhuma moedinha no bolso! Agora, se eu não tivesse feito nada, ele é que teria arrancado a minha cabeça fora!

BELÁRIA – Por Júpiter, o que você fez?

WILLIAM – Cortei a cabeça dele, ué! Esse Clóten me chamou de bandido, traidor e jurou matar nós três! E depois ia pendurar nossa cabeça na torre de Londres!

BELÁRIA – Caralho, fudeu!

WILLIAM – Mãe, ele ia nos matar, não temos ninguém pra nos proteger! O que você queria que eu fizesse? Aceitasse as ameaças dele? Tá com medo da lei agora?

BELÁRIA – Essa gente nunca anda sozinha, meu filho. Mesmo que esteja maluco, o filho da rainha não ia vir sozinho pra Milford Haven. Alguém pode ter dito na corte que tinha gente morando numa caverna, que são bandidos e Clóten, num impulso, se meteu a vir nos pegar. Mas ele não viria sozinho!

KATE – Aconteça o que acontecer, mãe, Guilherme agiu bem.

BELÁRIA (*angustada*) – Eu não queria caçar hoje...

WILLIAM – Vou jogar essa cabeça no rio pra ela contar pros peixes que era de Clóten, filho da rainha. Caguei.

Sai.

BELÁRIA – Meu Deus, o que esse garoto foi fazer...

KATE – Eu bem que queria ter cortado a cabeça desse miserável! Tenho inveja de Guilherme, me privou desse prazer... Queria todas as represálias pra mim, com toda força, me perseguindo pra tirar satisfação!

BELÁRIA – Bem, agora está feito. Clara, vá pra casa ficar com Fidélio. Vou ficar aqui esperando o seu irmão e logo, logo chegamos pra comer. (*Sai Kate. Consigo.*) Deuses: que tempos são esses que a morte de Clóten pressagia?

Música fúnebre. Clara dá um grito desesperado.

KATE (*chorando*) – Ele está morto... Melancolia, quem pode sondar teus mistérios? Morreste de melancolia, ser bendito. Flor meiga e bela, como está diferente...

BELÁRIA – Como ele estava?

KATE – Inerte, com um leve sorriso. Como se um anjo cantasse no seu sonho e não como alguém que morre. Pensei que estivesse dormindo... Mas, se não, vou perfumar seu túmulo com flores enquanto eu viver, as mais bonitas de Milford Haven. Perto de ti, Fidélio, os vermes nunca chegarão. Só as fadas...

WILLIAM (*emocionado*) – Chega, Kate. Vamos enterrar nosso irmão e acabar logo com isso, ele vai ficar do lado do nosso pai. Você canta uma música? Eu não sei cantar e desafinar é pior que ouvir mentira de padre. Fidélio não merece isso.

Os irmãos riem emocionados e carregam o corpo para um canto.

BELÁRIA (*para o público*) – As dores grandes curam as pequenas, ninguém lembra mais do Clóten! Chegou como inimigo, mas era filho de uma rainha e pagou caro pelo que fez. Nós viemos do pó e vamos voltar a ele, é verdade. Fortes e fracos, nobres e plebeus. Vamos todos apodrecer. Mas a tradição, esse anjo do mundo, nos obriga a diferenciar os altos dos baixos. Clóten era um príncipe e como um príncipe deve ser enterrado. (*Para os irmãos.*) Meus filhos: vou buscar o corpo de Clóten! Vamos enterrá-lo.

Sai.

WILLIAM – Começa, irmã.

Começam a rezar.

KATE – Não tema o calor do sol, nem a fúria do vento. Teu dever na Terra findou. Aceita o teu destino e volta para o eterno. Não tenha medo dos poderosos, estás além dos tiranos. Abrigo, comida, sorrisos, tudo lhe será dado. Coroas, saber, ciência, tudo volta ao pó.

WILLIAM – Não tema os raios e relâmpagos.

KATE – O trovão.

WILLIAM – A calúnia.

KATE – O riso e o pranto.

WILLIAM – Que nenhum feitiço jamais te encante.

KATE – E que, forte e flexível como uma árvore jovem, que nenhum mal jamais chegue a ti.

Entra Belária com o corpo de Clóten.

KATE – Já terminamos, mãe. Deixa ele aqui.

Saem todos. Imodélio desperta.

IMODÉLIO (*confuso*) – Sim, senhor, Milford Haven. O caminho? Agradeço. Por trás daquelas árvores? Por favor, quanto falta? Por Júpiter, dez quilômetros! Andei a noite inteira, vou dormir. (*Vê o corpo de Clóten.*) Mas, o que é isso? Não quero companhia! E essas flores? Esse homem ensanguentado, ai!, os problemas da vida... Será que estou sonhando? Achei que estava lidando com pessoas honestas, mas não. São assassinos... Foi um tiro no escuro, um alarme falso, meu corpo se deixou levar... Nossos olhos, às vezes, ficam cegos como o juízo. Meu Deus, estou com medo... Se ainda houver alguma piedade no céu, por favor, deuses, despejem sobre mim. Não estou dormindo, mas o sonho continua, eu posso sentir... (*Silêncio.*) Um sujeito sem cabeça com as roupas do meu Póstumo? Reconheço suas pernas, as mãos, os músculos de guerreiro... Mas o rosto de Júpiter, meu Deus, não existe mais! (*Imodélio se atira sobre o corpo de Clóten, que tanto a desejava. Ironicamente, Imogênia encena, com sensualidade mórbida, o adultério do qual foi injustamente acusada.*) Ah, Pisânio maldito! Que as maldições do inferno caiam sobre ti! Você conspirou com o demônio do Clóten, conspiraram e

matarem meu marido! Você, Pisânio, com suas cartas falsas, transformou ler e escrever em traição... Póstumo, meu amor, onde está teu rosto? Por que não respeitaram teu rosto?... Maldade e ambição!... Ele disse que as drogas eram preciosas, mas elas me doparam e enquanto eu dormia, fizeram isso... *(Silêncio.)* Ó, meu amor, sangue sagrado: tinge meu rosto de vermelho. Pra que eu pareça terrível a quem encontrar pelo caminho.

Como um guerreiro, ela mancha o próprio rosto com o sangue de Clóten. Dá um grito desesperado e desmaia. Entram Lúcio e um capitão romano.

CAPITÃO – Senhor general, atendendo às suas ordens, as legiões que estavam na França cruzaram o Canal da Mancha e nos aguardam aqui, em Milford Haven.

LÚCIO – Notícias de Roma?

CAPITÃO – Os homens nobres da Itália foram recrutados e já estão a caminho sob as instruções de Giácomo, bravo guerreiro de Siena.

LÚCIO – Reúna nossas forças, convoque os capitães! A águia romana nos traz bons presságios. *(Vê o corpo de Clóten.)* Espera, devagar! Que cena grotesca... Quem será esse em cima do morto? Está dormindo? Deve estar morto também, ninguém dividiria a cama assim com um defunto.

CAPITÃO – Está vivo, senhor.

Ele acorda Imodélio com pontapés.

LÚCIO – Anda jovem, fala! De quem é esse corpo? Quem é você? Por que estão juntos?

IMODÉLIO – Não sou nada nem ninguém, senhor. Esse é meu amo, inglês valente e generoso, morto pelos homens das montanhas. Não há ninguém mais leal que ele...

LÚCIO – Como se chamava, meu amigo?

IMODÉLIO – Marcel. *(Para o público.)* Não estou prejudicando ninguém, então espero que os deuses perdoem minhas mentiras. Assim, sou falsa com ele e leal a mim mesmo. *(Para Lúcio.)* Perdão, senhor, o que você disse?

LÚCIO – Seu nome?

IMODÉLIO – Fidélio.

LÚCIO – Nome adequado para alguém fiel. Você quer vir comigo, Fidélio? Não sei se vou me igualar ao seu amo, mas garanto que você não será menos querido. Vamos, venha comigo.

IMODÉLIO – Obrigada, senhor. Mas, antes, quero enterrar meu amo. Protegê-lo dos insetos numa cova cavada por mim. Cobrir seu túmulo com folhas coloridas e cantar uma última canção... Aí, então, posso deixá-lo e sigo contigo, se quiser.

LÚCIO – Claro, meu jovem. Além de amo, serei teu pai. Capitão, esse menino nos ensina a ser mais nobres! Mande encontrarem um lugar calmo e florido. Fidélio, ele vai ser sepultado como um soldado, com todas as honras militares. Alegre-se, não há motivo pra chorar: há males que vem para o bem.

Num canto da cena, Clóten é sepultado. No outro, a rainha delira, febril, pela falta do filho.

RAINHA – Clóten... Clóten, minha criança... Meu tesouro... *(Num grito desesperado.)*
Clóten!

Cena 2 – Londres, palácio de Cimbeline

Entram Cimbeline, Pisânio e Lisa Edwards. Ela se prepara para uma inserção ao vivo.

CIMBELINE – Por Júpiter, que maré de azar! Minha única filha sumiu, minha mulher tá enlouquecendo e o exército de César está invadindo a Inglaterra. Agora o Clóten

sumiu também, caralho! Que hora, meu Deus! E você, Pisânio, sempre tão bem informado, não sabe de nada agora? Precisa de uma torturazinha pra falar?

PISÂNIO – Majestade, juro que estou ao seu dispor, mas desconheço o destino de Imogênia e não sei por que ela foi embora. Peço a Vossa Alteza que não duvide de mim. *(Para o público.)* A verdade é que não ouço falar de Póstumo desde que escrevi a ele que Imogênia morreu. Realmente é estranho... Sobre a princesa, que prometeu mandar notícias sempre, também não sei nada. Nem de Clóten! Estou pior que o rei, mas o céu vai fazer a parte dele. Sendo falso, sou honesto, sendo desleal, sou leal. Assim sou falso com ele e leal a mim mesmo. Que a sorte leve até o cais o barco sem rumo da minha vida.

LISA – Majestade, estamos ao vivo para a BBC, o senhor tem algo a dizer sobre a ofensiva de Roma?

CIBELINE – Lisa, por favor, não é hora pra isso!

LISA – Nenhuma palavra para o povo inglês, Majestade? Estamos ao vivo. *(Cimbeline a empurra.)* Ai! Que deselegante! Estou fazendo o meu trabalho assim como o senhor! *(Para a câmera, incomodada.)* É com você, Jennifer.

CIMBELINE – Desculpe, Ms. Edwards, estou desesperado. Você sabe de Imogênia?

LISA *(já fora do ar)* – Meu bom rei, eu estava presente quando ela sumiu e arrisco dizer que Pisânio está sendo sincero. Quanto a Clóten, eles já estão procurando, tenho certeza que já, já vai aparecer.

CIMBELINE *(aos prantos)* – Tudo tão difícil... Pode ir por enquanto, Pisânio.

PISÂNIO – Obrigado, senhor –

CIMBELINE *(segurando-o pelo braço)* – Mas eu tô de olho em você, ouviu bem?

Pisânio sai assustado.

LISA (*olhando um smartphone*) – Majestade, se me permite, sem querer trazer mais problemas... Mas as legiões romanas que estavam na França receberam reforço e já estão na costa da nossa ilha.

CIMBELINE – Meu Deus... Os conselhos de minha mulher...

LISA – Majestade, um pouco mais de ânimo! We're the fuckin' hooligans! Nosso exército vai trucidar esses italianinhos narigudos e se eles mandarem mais gente, vamos acabar com eles também, um por um, e jogar futebol com a cabeça deles no Coliseu!

CIMBELINE (*se recuperando*) – Tem razão, menina, tem razão... (*Ele a beija.*) Obrigado! Vamos embora, aguardar o momento certo de agir. Estou menos preocupado com a Itália que com os problemas do reino. Vamos!

LISA – O senhor me daria uma entrevista exclusiva sobre isso?

Cena 3 – País de Gales, diante da caverna de Belária

WILLIAM – Começaram os bombardeios!

BELÁRIA – Vamos nos proteger.

KATE – Ah, mãe, a vida tem que ter um pouco de aventura!

WILLIAM – O que vamos ganhar nos escondendo, mãe? Os romanos prenderam o rei e vão nos matar ou porque somos súditos ou porque somos bárbaros traidores do império, mas vão nos matar!

BELÁRIA – Cala a boca, Guilherme! Nós vamos subir aquela montanha e nos afastar das tropas do rei. Qualquer novidade sobre a morte de Clóten pode ser o nosso fim.

WILLIAM – Essa covardia não combina com você!

KATE – Mãe, você acha que eles vão perder tempo com a gente com o exército romano invadindo a Inglaterra?

BELÁRIA – Eu sou conhecida na corte, seus insensatos! Além disso, o rei não merece nem os meus serviços, nem o amor de vocês!

WILLIAM – É melhor morrer do que viver assim, mãe. Eu vou pra guerra! Eles não me conhecem e não vão me reconhecer.

KATE – Pelo sol que me ilumina, eu também vou! Não vou morrer sem ver um homem sangrar até a morte! Quero usar esporas e montar um cavalo selvagem... Tenho vergonha de olhar pra esse sol sagrado, pra esse céu, e me acovardar!

WILLIAM – Até logo, minha mãe. Vamos saber nos cuidar.

BELÁRIA – Espera! *(Silêncio.)* Se vocês, que são jovens, têm tão pouco apego à vida, não sou eu, uma velha, que vou me preocupar. Vamos todos! Se querem morrer lutando pela Inglaterra, vamos morrer juntos!

Dão um grito de guerra.

ATO 5

Cena 1 – Milford Haven, campo de batalha

Guerra. Os eventos se sobrepõem.

PÓSTUMO *(vestido de nobre romano e carregando um xale ensanguentado)* – Ó, pano ensanguentado! Por que, um dia, desejei vê-lo dessa cor? Ó, homens! Se cada um de nós seguisse esse caminho, quantos não matariam, por nada, esposas tão virtuosas quanto Imogênia? Ah!, Pisânio! Um bom criado não deve cumprir qualquer ordem, somente as justas... Ó, deuses! Se tivessem castigado as minhas faltas, jamais teria vivido pra cometer essa atrocidade. Teriam poupado minha mulher, nobre e arrependida, e atingido a mim, indigno e merecedor da sua punição. Agora Imogênia está nos céus e eu estou aqui, ao lado da nobreza italiana, pra lutar contra a Inglaterra!

(Silêncio. Tirando a roupa de romano.) Não, não! Já foi bastante ter matado a obra-prima desta ilha, não vou mais feri-la. Vou virar um inglês do campo e combater quem me trouxe até aqui. Morrerei por, Imogênia, desconhecido, sem causar ódio nem compaixão. Ó, deuses! Dai-me a força dos Leonatos!

Entra Giácomo. Ele e Póstumo lutam. Póstumo vence e o desarma.

GIÁCOMO – Como é possível, um mendigo, um camponês, me vencer? Não sou digno das medalhas que trago no peito, e sim do escárnio e do fracasso... Pobre de Roma se todos os soldados ingleses forem tão fortes quanto esse... Somos apenas homens. Eles são deuses.

Belária, William, Kate e Póstumo lutam. Alguns soldados ingleses estão fugindo da batalha.

WILLIAM – São os covardes da Inglaterra que estão fugindo!

KATE – A alma de quem foge vai pro inferno! Parem!

BELÁRIA – Somos romanos, por acaso, para que fujam assim? Parem! Se fôssemos inimigos, vocês poderiam se livrar de nós dando meia-volta e lutando! Parem, covardes!

Os soldados ingleses voltam, inspirados pelos quatro guerreiros.

LÚCIO *(observando a virada inglesa)* – Salve-se, águia romana! A guerra é cega, a confusão é grande... Eles viraram o jogo. Ou nós chamamos reforços ou nos retiramos e admitimos a derrota.

Os ingleses vencem a batalha.

NOBRE 1 – Ei! Está vindo de onde?

PÓSTUMO – Eu estava lutando. E você, está fugindo por quê?

NOBRE 1 – Nós vamos perder, senhor...

PÓSTUMO – Você está louco? Os romanos abaixaram a guarda e refizeram como escravos o caminho que tinham feito como vencedores! Nossos covardes se encheram de coragem e viraram o terror do campo de batalha. E como mataram... Mataram e libertaram Cimbeline.

NOBRE 1 – Não creio...

PÓSTUMO – Uma velha e dois jovens guerreiros corriam pelos lados da trincheira. Eram três, mas valiam por três mil. Eu me juntei a eles e, aos poucos, todos que estavam fugindo passaram a nos imitar. Ó, instinto de guerra, és o pecado cometido por aqueles que servem de exemplo!

NOBRE 1 – É incrível... Uma velha e dois jovens!...

PÓSTUMO – Está surpreso, cavalheiro? Valeu a pena abandonar a luta?

NOBRE 1 – Eu... eu não sei... Eu não sei, senhor! Adeus.

Sai correndo.

PÓSTUMO – Covarde, continua fugindo! Isso é ser nobre? No meio da luta, perguntar, “como vão as coisas?” Nobreza miserável! Quantos não vendem a honra pra salvar a própria pele e tem a sorte de encontrar a morte e eu, que saco a espada na guerra, inebriado de dor, não consigo encontrá-la. Hei de ser morto pelos meus compatriotas! Vou voltar ao papel em que vim, não serei mais um inglês! *(Se veste novamente de romano.)* Foi grande a matança dos romanos e grande será a resposta dos ingleses. Morte, morte... Eu te desejo! Não prezo mais a vida e vou morrer por minha mulher, pela princesa Imogênia.

Entram dois capitães ingleses.

CAPITÃO INGLÊS 1 – Lúcio está preso! Estão dizendo que a velha e os filhos eram anjos!

CAPITÃO INGLÊS 2 – Parece que um quarto homem lutou com eles, um sujeito tosco, mas nenhum deles foi encontrado. (*Vendo Póstumo.*) Espera! Ei! Quem é você?

PÓSTUMO – Um romano, senhor, abandonado pelos próprios aliados.

CAPITÃO INGLÊS 1 – Cachorro miserável, nenhum romano vai voltar vivo pra casa! Vocês se dão importância demais... Levem ele daqui, vai pastar na cadeia!

Cena 2 – Milford Haven, cárcere

PÓSTUMO (*em prece*) – Bem vindo, cativo, caminho da liberdade! Me sinto melhor que aquele que prefere sofrer continuamente a ser curado pela morte, a grande médica, chave de todos os grilhões. Estás, ó, consciência, mais algemada que meus punhos e pernas. Concedei-me, bons deuses, o instrumento para destrancá-la e ficar livre para sempre. Não basta que eu sofra? Querem cobrar, pelo perdão, mais que minha liberdade? Pois levem mais! Levem o que tenho de mais precioso: a minha vida. Vós, que, mais clementes que os homens, carregam um terço, um sexto, um décimo dos que devem, deixando-os prosperar com o que sobrou, eu não quero isso. Pela vida de Imogênia, levem também a minha, que, embora valha menos, também é uma vida e foi por vós criada. Cortem, grandes deuses, as amarras que me prendem ao mundo! Pra que eu possa encontrar minha Imogênia no silêncio.

Ele dorme. Surgem os espectros de seu pai, sua mãe e seus irmãos.

CECÍLIO – Gaia, tão alta Gaia! Mãe de todos os seres, senhora dos trovões, tem piedade dos mortais! O que meu Póstumo fez que merecesse punição? Se sois a mãe de todos, ele também é seu filho e você deve protegê-lo das dores do mundo.

MÃE – Pobre Póstumo! Arrancado do meu ventre e jogado aos inimigos enquanto eu morria...

CECÍLIO – Dos ancestrais, ele herdou o caráter verdadeiro.

IRMÃO 1 – E se tornou o homem mais notável da Inglaterra, o brilho dos olhos da princesa.

MÃE – Humilhado, expulso e exilado da casa dos Leonato!

CECÍLIO – Permitiste, deusa-mãe, que a imundície de Giácomo infectasse seu coração em um jogo malicioso...

IRMÃO 1 – Ele, que, tão corajoso quanto nós, lutou ao lado de Cimbeline, por que deixá-lo tombar de dor?

IRMÃO 2 – Por isso viemos das altas esferas, nós e nossos pais. Nós, que morremos lutando em nome desta pátria.

CECÍLIO – Abre tua janela de cristal, ó, deusa, e poupa nossa raça de males ainda maiores.

MÃE – E liberta-nos da dor.

CECÍLIO – Ou duvidaremos de ti, incitando contra vós todos os deuses reunidos!

Gaia desce entre relâmpagos e trovões. Os espíritos caem de joelhos.

GAIA – Chega de ofensas, fantasmas das baixas regiões! Como ousam acusar a mim, que comando os raios e os trovões? Sombras do paraíso, vão embora e descansem sobre os jardins de flores eternas! Não se perturbem com as coisas dos mortais: esse dever é meu. Seu filho será guiado por mim, ele será feliz e não sentirá mais dor. Minha estrela brilhou no seu nascimento e em minha casa ele cresceu. Quanto a Imogênia, ninguém duvide, vou fazer dela sua mulher! Vamos, levantem! Nesta carta, está escrito o destino de Póstumo. *(Entrega aos espectros.)* Deixem-na com ele vão embora! Não quero mais ouvir suas queixas.

Ela sobe aos céus.

CECÍLIO – Salve, deusa Gaia, mãe de todos os seres! Vamos, ela nos abençoou. Cumpramos suas ordens!

Desaparecem os espectros. Póstumo acorda.

PÓSTUMO – Pai? Mãe? Irmãos? Graças aos deuses por essa visão! (*Silêncio.*) Eles se foram... Foi um sonho... Os infelizes acordam e não encontram nada... (*Notando a carta.*) O que é isso? Uma carta? Que não seja falsa como o mundo!

Ele ouve a voz de Gaia.

GAIA – “Quando um filhote de leão, sem saber, encontrar, sem procurar, um sopro de ar ameno que o abraça, e quando os galhos despencados de um cedro imponente, mortos há anos, reviverem para se reintegrar ao velho tronco, voltando a crescer, então Póstumo verá o fim de seu sofrimento e a Inglaterra encontrará a felicidade, prosperando na paz e na fartura.”

PÓSTUMO – Ainda estou sonhando? Estou louco? Ou as duas coisas, ou nada? Não faz sentido ou tem algum sentido que o sentido não tem como explicar? Seja o que for, parece a minha vida...

Entra um carcereiro.

CARCEREIRO – E então, romano, tá pronto pra morrer?

PÓSTUMO – Já passou da hora, cavalheiro.

CARCEREIRO – Você vai pra força já, já, relaxa.

PÓSTUMO – Se eu servir de diversão pra quem vê, já tá bom.

CARCEREIRO – O preço é alto, meu caro, mas, se serve de consolo, passa rápido e depois acaba! Não vai mais precisar se preocupar com a conta do bar e com aquela dificuldade toda depois de beber. A gente chega morrendo de fome, sai bêbado e puto porque pagou a bebida dos outros e, no outro dia, ainda acorda com ressaca e dor de cabeça. Com a cabeça pesada e o bolso vazio! Pois, então, em breve você vai estar livre desse paradoxo cruel. Não vale a pena? Em um instante, aquele pedacinho de corda vai liquidar todas as suas dívidas. O seu pescoço, romano, vai fechar o borderô!

PÓSTUMO – Estou mais feliz em morrer que você em estar vivo!

CARCEREIRO – Quem dorme não tem dívida nem dor de dente, cavalheiro! Mas, mesmo assim, na hora de ir pra forca, todo mundo gostaria de trocar de lugar com o algoz. Até porque ninguém conhece o caminho que vai percorrer.

PÓSTUMO – Eu o conheço bem, companheiro.

CARCEREIRO – Então depois você volta pra me contar, ok? *(Para o público.)* Nunca vi um sujeito tão animado pra morrer. E, na verdade, apesar de ser romano, tem gente muito pior que ele querendo viver, que não aceita morrer! Eu mesmo sou um desses. Que bom seria se fôssemos todos igualmente bons! Seria a tristeza dos carcereiros, o fim de todas as guerras! Bem, já chega: estou falando contra os meus interesses profissionais.

Entra Lisa Edwards.

LISA – Estamos falando ao vivo aqui do presídio de Milford Haven, onde viemos acompanhar o caso de Póstumo Leonato.

PÓSTUMO – Vocês vão filmar a minha morte, é isso?

CARCEREIRO – Sociedade do espetáculo, meu caro. Aproveite seus quinze minutos de fama.

Vinheta. Palmas. Os representantes da Inglaterra estão à mesa. As torcidas estão no estúdio.

JENNIFER – Estamos de volta com nossa edição especial da *BBC Round Table*, a mesa redonda que leva as principais questões da geopolítica do Império Romano para a sala da sua casa. No programa de hoje, estamos discutindo o fim da chamada “guerra anglo-romana”, cujas principais batalhas aconteceram na bucólica Milford Haven. Mas, como diria John Lennon, *war is over!* Majestade, me parece que o senhor tinha algo a dizer sobre alguns dos nossos heróis, certo?

CIMBELINE – Certo, Jen.

JENNIFER – Então, por favor, plateia e telespectadores, ouçamos, todos, o rei Cimbeline, Sua Majestade, o ganhador da guerra anglo-romana!

Ele é ovacionado.

CIMBELINE – Thanks, Jen. *(Para Belária, William e Kate.)* Meus caros, os deuses fizeram de vocês os salvadores do meu trono. Sendo assim, reconheço, aqui, o mérito que lhes é devido. Vocês são o fígado, o cérebro e o coração desta ilha!

Palmas.

BELÁRIA – Lamento que o nobre soldado que lutou ao nosso lado não tenha sido encontrado. Nunca vi tanta coragem em uma criatura tão humilde, senhor, nem façanhas tão grandiosas vindas de um homem tão pobre.

JENNIFER – Nenhuma notícia dele?

CIMBELINE – Nada, Jen: nem entre os vivos, nem entre os mortos.

JENNIFER – Bem, de qualquer forma, acho que todos queremos saber um pouquinho mais sobre esses três guerreiros, não?

BELÁRIA – Viemos de Gales, senhores, somos pessoas honestas e de bem. Não vejo por que falar mais –

CIMBELINE – Vocês serão meus companheiros na corte, guerreiros, e terão títulos condizentes com seu novo status, de cavaleiros do reino –

JENNIFER – Com licença, Alteza, parece que a Lisa Edwards tem uma informação urgente para nós. É isso, Lisa?

LISA (*numa transmissão, com Cornélia*) – Sim, Jen, uma notícia trágica que acaba de chegar em nossa redação. A rainha está morta.

CIMBELINE – Como?

CORNÉLIA (*sendo entrevistada por Lisa*) – Morreu de forma terrível, Majestade, assim como viveu. Cruel com o mundo, acabou sendo cruel consigo mesma. E fez uma confissão: disse que jamais o amou, Majestade. Que seu interesse era no poder e que se casou com a realeza enquanto o odiava. Quanto a sua enteada, Imogênia, que ela fingia amar profundamente, se não tivesse fugido, ela a teria matado com as próprias mãos.

CIMBELINE – Oh! Demônio sutil... Quem pode ler uma mulher?

CORNÉLIA – Disse ainda que tinha um veneno mortal para o rei, capaz de fazê-lo definhar lentamente. Estava decidida a dominá-lo com sua farsa, com seus beijos, vigílias e cuidados. Depois de matá-lo, ela faria de Clóten o herdeiro da coroa. Mas, diante da ausência do filho, ela não suportou a frustração e enlouqueceu, confessando tudo. Morreu ensandecida...

CIMBELINE – Meus olhos não podem ter se enganado tanto... Nem meus ouvidos, meu coração... Minha rainha...

Lúcio, Giacom, Póstumo e Imodélio entram aprisionados, escoltados por soldados ingleses.

LÚCIO – Senhor, com todo respeito a sua dor –

CIMBELINE – Cala a boca, Lúcio! Cala essa boca. Eu não quero ouvir o som da sua voz, não quero ouvir falar em imposto! Nós ganhamos, Caio, e os parentes dos nossos soldados que morreram pedem que os homenageemos com a morte de vocês, romanos. Portanto, prepare-se pra morrer.

LÚCIO – Cimbeline, a guerra é um jogo e você venceu por acaso! Se Roma tivesse ganhado, nós não condenaríamos nossos prisioneiros sem antes esfriar a cabeça. Mas, se os deuses tiverem decidido pela minha morte, que ela venha. Eu só peço uma coisa (*Apresenta Imodélio.*): que este jovem inglês seja poupado. Nenhum amo teve um pajem tão bom, tão honesto e tão maternal... Ele não fez mal a nenhum de vocês, mesmo estando do nosso lado. Portanto, poupe-o, Majestade.

CIMBELINE – Creio que já o vi, seu rosto não me é estranho. Você ficará comigo rapaz. Não sei por que, nem como, mas gosto de você.

IMODÉLIO (*olhando para Giacomo*) – Obrigado, Alteza.

Imodélio reconhece o anel de Póstumo na mão de Giacomo. Ela o encara por alguns instantes.

CIMBELINE – O que houve, meu filho? Você reconhece esse homem? É parente ou amigo seu? Por que está olhando pra ele?

IMODÉLIO – Tenho algo a tratar contigo, Majestade. Em particular.

Os dois conversam em particular.

BELÁRIA (*para William e Kate*) – Como se parece com Fidélio...

KATE – Ele ressuscitou!

WILLIAM – Calma, Clara! As pessoas se parecem. Se fosse ele, teria vindo falar com a gente.

KATE – Ele estava morto!

PISÂNIO (*consigo*) – É minha ama...

CIMBELINE (*dirigindo-se a Giacomo*) – Venha aqui, senhor, e responda com franqueza ao rapaz. (*Para Imodélio.*) Pode falar.

IMODÉLIO – Quero que ele explique como conseguiu esse anel.

PÓSTUMO (*consigo*) – O que ele tem com isso?

JENNIFER – Fale pra gente, senhor, como obteve o seu anel?

GIÁCOMO – É bom ser forçado a dizer algo que está me matando... Consegui esse anel por maldade. Era de Leonato, Alteza, o homem que o senhor banuiu.

JENNIFER – Leonato?

GIÁCOMO – O homem mais nobre que há na Terra. Sua filha... Imogênia...

CIMBELINE – Minha filha? O que você sabe dela? Fala, demônio!

GIÁCOMO – Uma vez, em Roma, Póstumo nos ouviu elogiar as mulheres italianas. Beleza, formas, caráter –

CIMBELINE – Seja objetivo, rapaz!

GIÁCOMO (*após um silêncio*) – Como convém a um homem apaixonado, ele falou calmamente de sua amada sem desmerecer aquelas que elogiávamos. Sua descrição nos deixou muito impressionados –

CIMBELINE – Ora, vamos ao que interessa!

GIÁCOMO – Eu duvidei da honra da princesa e apostei que me deitaria com ela. Ele, certo da honestidade da esposa, honestidade que pude constatar, aceitou apostar este anel. Então vim para a Inglaterra com esse objetivo e encontrei Imogênia na corte. Após sua recusa, minha mente começou a agir ferozmente neste país ingênuo e a estratégia foi certa. Voltei pra Roma com provas suficientes para enlouquecer Leonato e por em risco sua confiança na princesa. Descrevi a tapeçaria e os quadros do quarto, mostrei o bracelete... Sinais secretos do corpo –

PÓSTUMO (*partindo para cima de Giacomo*) – Demônio italiano! Eu sou mesmo um idiota por acreditar... Assassino, ladrão, vilão desprezível! Alguém traga uma corda, uma faca ou um veneno! Majestade, chame os torturadores da corte! Sim, senhores: eu sou Póstumo, aquele que matou sua filha, quer dizer, pior: que mandou um vilão ainda menor fazê-lo. Matei o templo da virtude... Podem cuspir e atirar pedras, soltem em mim os cachorros da rua. Chamem todos os ladrões de Póstumo Leonato! Ó, Imogênia, minha esposa, rainha da minha vida...

IMODÉLIO (*se aproximando*) – Calma, senhor –

PÓSTUMO (*batendo em Imodélio, que cai*) – Fique no seu lugar, pajem insolente!

JENNIFER – Senhor, assim vou ser obrigada –

PISÂNIO (*se aproximando*) – Socorro! É minha senhora! Póstumo, você acabou de agredir Imogênia! Socorro, alguém me ajuda! (*Dirigindo-se a Imogênia.*) Minha senhora...

CIMBELINE – Mas o que é isso?

Póstumo ameaça desmaiar e é amparado.

JENNIFER – Equipe médica, por favor!

PISÂNIO – Acorda, princesa, abre os olhos, por favor!

CIMBELINE – Por Júpiter, é minha filha! Minha menina!

PISÂNIO (*para Imodélio*) – Como está se sentindo, senhora?

IMOGÊNIA – Se afaste, Pisânio... Você me envenenou... Você é um homem perigoso e não merece respirar o mesmo ar que os príncipes...

CIMBELINE – É a voz dela...

PISÂNIO – Ama, aquela caixa... Aquela caixa... tinha um remédio para o rei... Me foi entregue... pela rainha.

O público reage.

JENNIFER – Um minuto, parece que a Lisa tem mais novidades, é isso, *honey*?

LISA – Sim, Jen. Aparentemente, a rainha fez ainda outra confissão.

O público reage.

CORNÉLIA (*sendo novamente entrevistada por Lisa*) – Bem, a rainha queria que a princesa tomasse uma poção...

CIMBELINE – Oh, Lord...

CORNÉLIA – Ela sempre me pedia pra preparar venenos que ela testava nos bichos. Com medo do que pudesse fazer, dei a ela um combinado que só suspendia temporariamente os sentidos. (*Para Imogênia.*) Você tomou a droga?

IMOGÊNIA – Claro, se eu até morri!

BELÁRIA (*à parte, para William e Kate*) – É Fidélio!

JENNIFER – Uau, as coisas mudam rápido por aqui!

IMOGÊNIA (*dirigindo-se a Póstumo*) – Póstumo... Por que me agrediu, meu amor?

Se olham apaixonados por alguns instantes. Ela se pendura no pescoço dele. Ficam abraçados.

CIMBELINE – E eu, minha filha? Vou ser o bobo da peça? Não vai falar comigo?

IMOGÊNIA (*pulando no pescoço do rei*) – Papai!

BELÁRIA (*à parte, para William e Kate*) – Vocês tinham razão de gostar desse jovem...

JENNIFER – Perdão, senhores, mas alguém sabe do paradeiro de Clóten?

PISÂNIO – Cavalheiros, tenho algo a dizer...

A confusão continua. Alguns personagens se dirigem para o público.

LISA – Tá difícil acompanhar, né? Não é pra menos. Os estudiosos identificam, nessa última cena, 24 resoluções de conflito! 24! George Bernard Shaw, por exemplo, abominava o desfecho dessa peça. Bem, nós vamos contar resumidamente o que acontece, ok? Com a palavra, Mr. Pisânio:

PISÂNIO – Clóten, quando viu que Imogênia tinha sumido, ficou espumando de raiva e veio me ameaçar de morte, perguntando onde Imogênia estava. Por acaso, eu estava com a carta de Póstumo no bolso em que ele convida Imogênia pra Milford haven. O resto vocês lembram e o Clóten saiu feito um louco pra Milford prometendo fuder com a vida de todo mundo.

CIMBELINE – For heaven's sake, cadê o Clóten?

WILLIAM (*ao lado de Kate e Belária*) – O Grande? Eu mesmo matei. Foi uma alegria desgraçada poder cortar fora a cabeça desse idiota pretensioso.

CIMBELINE – Como? Então não me resta opção: eu, que sou o Estado, te condeno à cadeira elétrica em obediência à lei.

BELÁRIA – Não, não! Espere! Ele é de linhagem mais nobre que Clóten e merece muito mais consideração, Majestade.

CIMBELINE – Não tô entendendo mais porra nenhuma.

KATE – Nem eu.

BELÁRIA (*para o público*) – Então eu me identifiquei como a antiga guerreira de Cimbeline e apresenta William e Kate como seus filhos, enfim, vocês lembram da história. “Majestade, William e Kate são filhos! Eu sou Morgana e fui exilada injustamente por causa de dois filhos da puta que falaram que eu me aliei com os romanos etc., criei o príncipe e a princesa desde bebês. Eis aqui vossos filhos, Alteza, que as bênçãos dos céus caiam sobre suas cabeças.” Foi isso.

LISA – Então o Cimbeline, que achou que tinha perdido todos os filhos, saiu da BBC com três.

IMOGENIA (*roubando o microfone da repórter*) – Senhores, senhores! E eu, que deveria, em tese, ficar triste porque perdi a coroa, (*começa a rir de alegria feito uma louca*) não tenho mais obrigação nenhuma de ser rainha e ainda ganhei dois irmãos, esses fofos que conheci em Milford Haven! (*Abraça os irmãos.*) Foi amor à primeira vista!

Os irmãos conversam.

CIMBELINE (*para o público*) – Aí eu larguei de mão também, tô velho, vou morrer daqui a pouco, abençoei todo mundo, abençoei Póstumo, Imogênia, meus filhos, Belária, os estúdios da BBC, perdoei todo mundo, soltei os presos, liberei geral, caguei

baldes. De que adianta? Eu que não vou me estressar, daqui a pouco Roma vem encher o saco com outra guerra mesmo, eu quero é morrer em paz, assistir minhas séries, minha GloboNews.

JENNIFER – Agora, quem era o soldado anônimo e corajoso que lutou com a Belária e os príncipes? Hein?

PÓSTUMO – Era eu, senhores!

LISA (*para o público*) – O estúdio veio abaixo!

Giácomo se ajoelha diante de Póstumo.

GIÁCOMO – Me mate senhor! Devo minha vida a ti e agora peço que me mate, por favor! Mas antes, aqui estão o anel e o bracelete.

PÓSTUMO – Levanta, Giácomo, deixa de drama, está desculpado.

LISA (*para o público*) – Uma coisa impressionante!...

Confusão no estúdio.

PÓSTUMO – Mas tem uma coisa que eu ainda não entendi. Quando eu estava preso, sonhei que uma deusa descia, trazida pelo vento, acompanhada dos espíritos dos meus antepassados. Quando acordei, encontrei esse enigma que não consigo decifrar...

JENNIFER – Bem, acho que os telespectadores do nosso programa gostariam de saber que enigma é esse, não?

Surge Gaia.

GAIA – É simples, idiotas. Leonato... “leo-nato”, filhote de leão, se interpretarmos o nome. Leonato é o filhote do leão. Ok? Sopro de ar ameno, sopro de ar ameno... “Ar”, “ameno”, ar mole, mole ar... Mulher. O sopro de ar ameno é uma mulher, Imogênia!

Quando Póstumo Leonato encontrar Imogênia e os dois se abraçarem. Bem, falta o cedro imponente. Que, pela lógica, só pode ser Cimbeline. E os galhos despencados, são seus filhos, William e Kate, raptados por Belária e que todos achavam que estavam mortos. É como se revivessem, não? E fossem reintegrados à árvore majestosa, sua linhagem nobre, que vai trazer paz e fartura para a Inglaterra! To the fuckin' damn hooligans.

CIMBELINE – Muito bem! Então, celebremos a paz! Caio, nós vencemos a guerra, mas eu, Cimbeline, em nome deste reino, decido me submeter voluntariamente ao Império Romano de César. *(Se aproxima de Jennifer.)* Prometo aqui, em rede nacional, pagar o tributo devido e deixar para trás os argumentos maldosos da rainha, que me dissuadiram. Que os dedos dos poderes celestiais dedilhem a harmonia dessa paz! Que as bandeiras de Roma e da Inglaterra balancem lado a lado, juntas no céu! Que a águia romana, pairando alto, possa voar do sul até o oeste, mas sem obscurecer os raios de sol que brilham sobre este país, sobre esta imensa e indestrutível ilha!

Palmas. Ovação.

IMOGÊNIA *(emocionada)* – A guerra hoje se desfez e, apesar do sangue nas mãos, que possa reinar a paz sobre a nossa grande Inglaterra!

Os atores se revezam nas falas, como se recompusessem o coro de abertura.

Uma longa e duradoura paz.

Afinal, para que servem as guerras?

Não foi a primeira,

Nem é a última,

Em que a Inglaterra vai sujar suas mãos.

Matando.

Morrendo.

Como sempre foi, desde o primeiro homem na Terra.

Foi com ele que a guerra nasceu.

Mas, e depois, algo mudou?

Com as instituições,

As leis,

As declarações universais,

Algo mudou?

Se as guerras ainda existem, algo não foi compreendido.

Algo não foi remediado

E talvez nunca será.

A sombra totalitária

De todos os governos,

A sombra da violência

Presente em cada um de nós,

A partícula incontrolável

Que enche os rios do passado

Da carne podre dos cadáveres

E faz, da humanidade inteira,

Uma enorme Milford Haven.